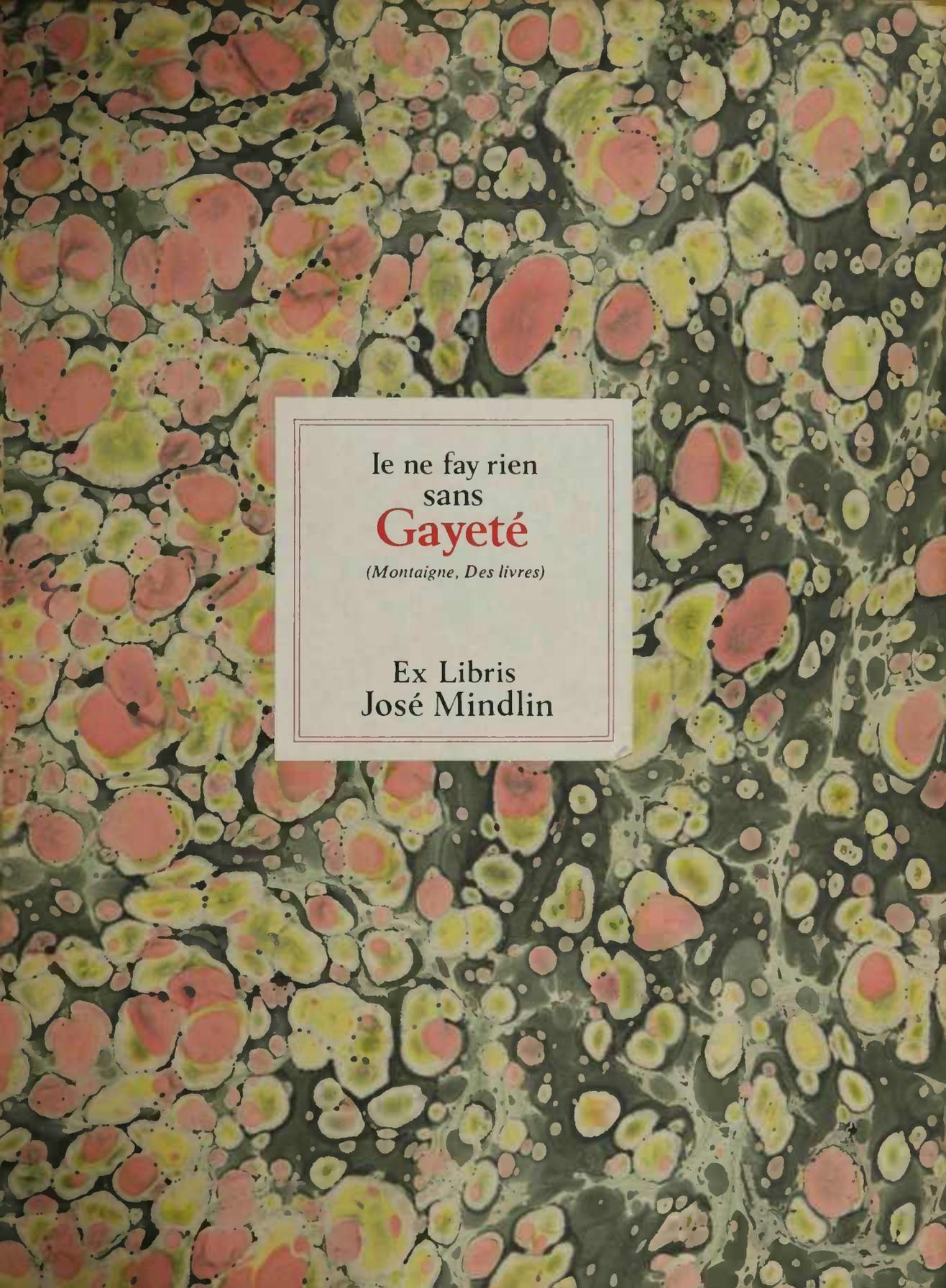


GALVÃO: EX LIBRIS FERNANDO GVEDES





Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



A ÉRA DE MARTIM AFFONSO

CONFERENCIAS

A PROPOSITO DO
IV CENTENARIO
DA FUNDAÇÃO DE
SAO VICENTE

MDXXXII-MCMXXXII

Fernando

H. G. Giblin

A ÉRA DE MARTIM AFFONSO

*A presente edição consta de
400 exemplares numerados*

E X E M P L A R

N^o 0023 ✱

A ÉRA DE MARTIM AFFONSO

CONFERENCIAS



RICARDO SEVERO
AFFONSO DE E. TAUNAY
GOFFREDO T. DA SILVA TELLES
GUILHERME DE ALMEIDA

*A proposito do IV Centenario
da fundação de São Vicente.*

MDXXXII — MCMXXXII

Ilustrações de J. WASTH RODRIGUES
São Paulo Editora Limitada imprimiu
1935

À GUIZA DE PREFACIO

por

AFFONSO DE E. TAUNAY

CELEBRARAM-SE em fins de 1931 e começo deste anno as commemorações vicentinas a que acabamos de assistir. Muitissimo mediocres foram, em relação ao que mereciam ser, dada a importancia enorme de seu significado brasileiro e americano.

Fóra do Estado de São Paulo tiveram minima repercussão; apenas a assignalou a decretação do feriado nacional de 22 de Janeiro, pelo Chefe do Governo Provisorio da Republica.

Em todo o caso sempre se fez alguma coisa: a São Vicente veio ter uma divisão da esquadra brasileira e o proprio Ministro da Marinha, o Sr. Almirante Protogenes Guimarães.

A' solennidade maxima de 22 de Janeiro concorreram o Interventor Federal em São Paulo, o Sr. Coronel Manoel Rabello, seus Secretarios de Estado, Prefeitos de São Paulo e de Santos, altas autoridades diversas e grande affluxo de povo.

Em muitas das principaes localidades paulistas festas patrioticas se realizaram em torno do hasteamento das bandeiras das conquistas e das navegações.

Nas cidades de São Paulo e de São Vicente realizaram-se exposições commemorativas, dignas de apreço, cada qual em sua esphera. Mas tudo de modo muito modesto, muitissimo modesto.

Em magna parte couberam as honras do movimento, indubitavelmente, ao Instituto Historico de São Paulo, que promoveu bella série de conferencias sobre modo concorridas.

E obtive do Governo Federal uma emissão de sellos e outra de moedas commemorativas do grande facto.

Além do Instituto Historico paulista ha ainda a citar algumas iniciativas nobres como a da Sociedade Numismatica Brasileira, que cunhou formosa medalha, celebradora da passagem da grande data janeirina.

Os diversos institutos historicos do paiz não se movimentaram como deveriam tel-o praticado em unisono, excepção feita do Brasileiro onde se fez ouvir a voz patriotica e erudita de Max Fleiuss em bella oração.

A contribuição portugueza esta foi a mais valiosa, honrando o alto e immortal feito de 1532.

Enorme realce deu ás commemorações a presença de um vaso de guerra portuguez, em aguas vicentinas, o *Carvalho Araujo* do commando do distinctissimo official, o Sr. Capitão de Fragata Silverio Ribeiro da Rocha e Cunha.

E os portuguezes de São Paulo, cotisando-se sob a inspiração da alta mentalidade de Ricardo Severo, para implantarem á beira-mar uma columna padrão, do genero dos velhos marcos quinhentistas, merecem os mais elevados elogios.

Falta-lhe, agora, a este marco, a replica brasileira. alguma offerta monumental collectiva provinda de todos os municipios brasileiros.

Assim houvessemos seguido de longe sequer o exemplo do que os americanos fizeram para saudar o terceiro centenario do *May Flower*!

Com o mais sincero e caloroso applauso, portanto, não posso deixar de exprimir quanto foi digna de acendrado applauso a iniciativa da Exma. Sra. D. Olivia Guedes Penteado, promovendo as palestras vicentinas que ao seu bello *salon* attrahiram selectas e vultuosas assembléas.

Bellissimo exemplo digno do maior louvor, e inedito no Brasil, este que a illustre senhora deu.

Oriunda dos povoadores primevos, ao realizar taes saraus dominava-a a impulsão dos pendores atavicos, de quem ao solo natal se sente secularmente enraizada. D'ahi esta demonstração de piedade ancestral merecedora do maior louvor.

Tão elevada quanto patriotica nota ficará alta e indelevelmente assignalada no conjuncto das commemorações vicentinas de 1932.

Quando, em 2032 um Brasil mais culto, celebrar o quinto centenario do inicio de sua colonisação, hão de os nossos posteros espantar-se da quasi insignificancia das commemorações de 1932. No conjuncto destas alto relevo tomou a iniciativa da illustre senhora paulista, frisamolo de novo

Honra pois e grande honra á Exma. Sra. D. Olivia Guedes Penteado.

São Paulo,

1.º de Março de 1932.

LENDAS E QUIMÉRAS DA EPOPEIA
MARITIMA PORTUGUESA

Conferencia de
RICARDO SEVERO

pronunciada a
7 de janeiro de 1932

LENDAS E QUIMÉRAS DA EPOPEIA MARITIMA PORTUGUESA



OU em dizer-vos que, perante este quadro de elegante modernidade, sinto-me véramente desageitado a falar-vos de velharias.

Desde, porém, que aqui estais de boa mente, por minima que seja a vossa tolerancia ou curiosidade, tambem, por algo de velho tendes vindo ; e deste modo me confortais para contar-vos as prometidas fábulas de remotas eras.

E' que elas jazem, essas fábulas, na intimidade inconsciente do nosso ser moral, envoltas no culto reprimido e inconfessado da Tradição ; e afloram, de quando em vêz, em misticas expansões, por mais premente que seja a censura analista da sciencia ou mais niveladora a rasoira mecanica da moderna racionalisação.

Estou a surpreender na vossa atenção indagadora uma interrogativa : ¿ Terá, porventura, a jactancia de pretender que este ambiente é tambem de lendas e quiméras ? Talvez !

Em verdade, não obstante o forcejado artificio da vida atual — no espaço, no tempo, na relatividade da NOSSA HORA — o facto é que a sua equação tem os unicos parametros nas realizações instantaneas do presente e nas eternas realidades do passado ; os demais termos dessa

equação algébrica são incognitas de expoentes fantásticos, que se perdem em visões astrologicas do futuro.

Méras teorias, hipoteses, ideologias, que não passam além da sua hora, uma vez esvasiada a ampulheta que lhes marcou o destino na escala infinita dos tempos.

No fundo da civilização moderna, no mais avançado *futurismo* dos seus ultimos figurinos, desde a regressiva primitividade até ás criações da arte, dita *abstracta*, a verdade é que existe mais passado do que presente.

O que a nossos olhos se mostra, por exemplo, no campo da cultura artistica, que é suprema expressão colectiva, representa mais um novo caso social, uma manifestação de sentido comum, digna de toda a consideração, do que um novo invento ou originalidade estética.

E' antes um fenomeno de involução do espirito humano, em que — perdido o pensamento nos labirintos do racionalismo filosófico e da materialidade scientifica, desfeita a ordem ética da vida no dinamismo da moderna standardisação, esquecidos os cânones elementares da beleza e do comesinho bom-gosto — o espirito procura em angustiosas tentativas o fio interrompido duma evolução creadora, suspensa no vasio dos séculos.

E' este impulso inconsciente e libertário do passado — revolucionário pois que reformador, idealista e quichotêsco pois que místico e ainda medieval — que nos leva, no quadro revolto da modernidade, a esta duplicidade de tendencias, que parecem contrárias, mas são gémeas: por um lado o aparente negativismo da vida passada, na ilusão de inventar, de crear a novidade presente e estabelecer um ideário futuro; por outro lado as manifestações de culto á tradição e á historia, que se objectivam num verdadeiro *Renascimento do passado*.

Esta tendencia neo-classica vem dominando uma época de quasi um século, do XIX até á data presente do XX ; e mostra-se no interesse, na paixão pelas descobertas archeologicas, revolvendo o solo á procura dos restos das civilizações préhistoricas, ora decalcando sobre os sedimentos geologicos as primeiras pegadas do homem primigenio, ora fazendo resurgir da sua espessa mortalha de ruinas as acrópoles monumentais de Troia, Micenas, Tirinto, . ora profanando a quietude mortal dos sarcofagos egipcios, de Tutankamen e outros imperiais defuntos, produzindo verdadeiras resurreições da arte, da civilização e da vida do Passado.

Nunca uma *moda* tanto durou como esta, a “moda préhistorica” ou “subterrena”, cuja auréola legendária, com o seu culto plutonico, é ainda uma das influencias civilizadoras dos nossos dias ; com efeito, se bem observardes em todos os detalhes o seu espirito e córte, concluireis tambem que o sentido dessa moda passadista é ainda dominante sobre as demais, com o sedutor animismo dos seus feitiços e o sensualismo pagão da sua mitologia — é o subtil império da LENDA.

E como aqui estou procurando esclarecer, consoante o meu modesto pensar, velhas QUIMÉRAS humanas, que se vão eternizando pelo mundo dos mitos, aí tendes, de começo, porque, na cronométrica “hora nossa” de novissima civilização, nos encontramos em um acto do mais flagrante “saudosismo”, no centro duma auréola estrelada de fabulas, coroando liturgicamente com um diadema de glória uma numérica data do Calendario e um singelo facto da nossa Historia.

Tal é esta consagração retrospectiva, rememorando as façanhas dum celebre Capitão-mór portuguez, que, ha quatrocentos anos, deu em arribar ás plagas vicentinas,

com o fito de estabelecer oficialmente a primeira Célula Colonizadora do Brasil.

Esta arribada, porém, vincou na vastidão dos mares um longo rasto ; seguindo-o, apercebem-se ainda as singraduras geométricas dum périplo, que tem a sua historia e a sua sciencia, vogando entre raias scintilantes de irisadas espumas, que têm tambem as suas lendas e a sua poesia.

Não existiria, portanto, sem um extenso prólogo de passado, que vara a historia até ás origens não escritas ; e que são no geral impenetraveis incognitas, escondidas avaramente nos arcânos da terra ou nas abismais profundezas dos oceanos.

A historia, á moderna, destes primeiros periodos da civilização, chamada da *Época dos Descobrimentos*, póde dizer-se que sómente agora está sendo feita pela beneditina applicação de historiografos de alto mérito. A antiga, padéce de erros e faltas (ás vezes propositais) dos seus proprios cronistas ; e está eivada de lendas, guardadas pela tradição e transmitidas pela fantasiosa credence popular, sempre feiticista e messianica.

Ouvireis algumas, como os contos d'antanho, recitados aos serões das tradicionais lareiras, no embalador regaço de maternais carinhos e amorosas saudades.

Conservam-se muitas delas na literatura didatica, porque contêm por vezes, na sua essencia, originaes lampejos de verdade; e mantêm-se na literatura popular pelo encanto da sua imaginosa ficção, onde cada qual vai buscar, em um instante de fugaz visão, o que bem quizera que houvesse sido, ou venha a ser, a quiméra do seu sonho.

Está nesta mistica poesia o successo dos velhos *eddas* scandinavos, dos *sagas* normandos, das *rapsódias* homéricas

dos *rimances* mediévos de cavalaria, dos contos populares de fadas, de encantações ou de fantasmas, e das edições polilingues das *mil-e-uma-noites* dos serralhos arabes.

*

Entramos na historia dentro de uma meada de lendas, que constituem a mitologia dos primitivos caldéus, egipcios, fenicios e greco-romanos.

O mundo fechava-se então ao redor do Mediterraneo ou *Mare-Internum*, entre os dois montes extremos do Oriente (no Caucaso) do Ocidente (na Libia), em cujos picos os dois *Atlas* ciclópicos suportavam nos seus ombros de rochedos plutónicos os dois céus do primeiro firmamento que envolve a terra : uma das sete ou nove esféras siderais que compunham o universo, segundo a escola geocentrica da Alexandria, tambem chamada de Ptolomeu.

Este mar era vedado ao poente pela fábula das duas Colunas de Hercules — Calpe e Abyla — colocadas no bocal do estreito *Fretum Tartesium*, hoje de Gibraltar, e que impediam a passagem para o oceano tenebroso, o *Mare-Clausum*, envolto em trévas espessas que tornavam o dia em noite, na escuridão de tétricos pavores e horrosas maldições.

Foi apenas sulcado pelas lendas argonauticas de Hercules, do Tosão-d'Ouro, das Odisseias atlantida, grega e fenicia.

O herculeo herói, filho de Jupiter, cumpriu neste fim do velho mundo alguns dos “doze trabalhos” do seu olimpico fadário, cujas narrativas mitologicas nos ensinam algo dessa misteriosa geografia ocidental.

Aí, na fabulosa ilha *Erythrea* — assim chamada por estar sob os rubros raios do sol poente — venceu Gerion

o monstro de tres corpos, levando-lhe os célebres rebanhos como despojos ópimos ; e passando-se ao *Jardim das Hesperides*, foi em busca dos encantados pomos-douro, suportando o peso do Mundo enquanto mandou por eles o gigante Atlas ; irritado com os dardejantes raios do sol, alvejou-o com as suas fléchas, recebendo em premio da sua audacia o scétro d'ouro, que lhe serviu de talisman solar em toda a sua derrota por esse Ocidente misterioso.

E esta derrota, ou mitologico périplo, abrange todo o paiz do extremo ocidental do Velho Mundo, que se estende até ao reino de Neptuno e seu filho Atlas, sobre o misterioso abismo do Atlantico.

*

Para o classico mundo mediterraneanse, as rubras fantasmagorias do sol poente encobriam um outro hemisfério legendario, de belezas ideais, do *Velocino d'ouro* simbolo de imaginárias riquezas, de aventurósas partidas como os heróicos “erros de Ulisses”, em cujas fabulas se esconde uma civilisação já de notória influencia nesses tempos que ficam muitos milénios distantes da nossa éra.

Surge-nos dessa antiguidade — para além de 8000 anos segundo os padres de Saís — uma legenda paralela, a ATLANTIDA, enorme ilha ou continente, “maior que a Libia e a Asia reunidas”, que ficaria ao ocidente das Colunas de Hércules, em face do Atlas, povoada de gente, de beleza e de riqueza ; era uma antiquissima tradição dos sacerdótes egipcios, dos quais a aprendeu Solon, e nos é transmitida por Platão, no *Timeu*, narrada pela personagem *Critias*. Aceite por sabios doutróra, desde Homéro, Heródoto, Deodoro, Teopompo, Estrabão, Plutarco, Plinio, etc., é modernizada por Bacon na *Nova*

Atlantida, cantada ainda no seculo XVI por Frascátor em um poema latino, mais tarde por Lemercier, pelo Marquez de Pimodan, e ultimamente, em 1877, pelo poéta catalão Jacinto Verdaguer em um poema notavel, que entusiasmou Mistral ao ponto de considerá-lo de genialidade rara, lembrando o de Salomão, “o eterno modelo dos poetas misticos”

A ATLANTIDA — o *Tritonis Occidentalis*, ou a *Ilha Poseidonis* de Platão — existiu com a sua olimpica opulencia no mundo da mitologia, na imaginação creadora dos poétas e até nas abstracções esotericas dos teósofos ; mas tem sido estudada tambem no mundo da sciencia, até hoje analisada e discutida pelos mais propectos historiografos e geologos.

Estes admitem a sua existencia pelas analyses geologicas e paleontologicas, dando como restos desse continente intermedio e desaparecido os arquipelagos atlanticos existentes ; não obstante, por um lado, a sua natureza vulcanica de aparente isolamento, por outro — iludindo a paleontologia comparativa — a universal evolução da vida pela crôsta terrestre, contrária a cataclismos como este de subita desaparicação dum continente inteiro ; especialmente durante a era antropozoica, isto é, desde quando o homem appareceu sobre a Terra.

Entretanto a Atlantida teria sido ainda uma realidade durante o periodo terciario, mas ter-se-ia submergido nos comêços do quaternario, havendo testemunhado esse cataclismo geologico os primeiros homens dessas primeiras idades da humanidade.

De resto, esse território, geograficamente indefinido, tanto poderia haver participado do maciço euro-asiatico, como ter-se desprendido do fuso continental americano. E sobre estas duas hipoteses se baseáram teorias, que vão

até á demarcação da origem ethnica dos povos da América pré-historica.

Aqueles, os historiadores, reconstituem a lenda nas suas fantasiósas criações, procurando encaixá-la na cronologia da civilização e da historia. Mas, apenas conseguiram transformá-la em uma quiméra flutuante, entre os continentes atlanticos, tal como nos veio da tradição egipcia.

Ultimamente, um sabio professor de Erlangen, Adolfo Schulten, realisando na Ibéria obra similar á de Schliemann na Grecia primitiva, vem a fixá-la arqueologicamente no sudoeste da Peninsula Ibérica no velho pais dos Tartessios e Turdetanos, entre a actual Lisboa e Alicante. A sua extremidade sul chamou-se então *Gadira*, junto ao estreito tartessico, tambem denominado *Portas Gadiricas*; e aí de facto se localisa *Gadés*, remoto emporio hispanico, o actual porto de *Cadiz*, que fica desta sorte integrado no quadro toponimico da Atlantida.

Sob o ponto de vista arqueo-geografico estabelece-lhe um poiso, senão firme e certo, pelo menos duma aproximação que convence, pela clara definição, dentro do critério scientifico, dum quadro real para o paiz mitologico de Gerion e das Hesperides, para as referencias vagas das tradições assirias, egipcias, e biblicas, para os escritos dos classicos gregos e romanos, até Festus Avienus, cujo poema "Ora Maritima" é uma especie de chave para o dédalo geografico desse enigma do Ocidente.

Não é este o momento para o longo e erudito processo dedutivo desta nova equação historica.

Resumir-vos-hei que: a Atlantida passa a ser uma realidade européica dentro duma lenda da mitologia mediterranea; e com ela se esclarece o périplo fenicio, reconstituindo-se o mundo do Ocidente Iberico, cujos povos foram primaciaes factores da civilização de toda aquela

idade classica, pois que primeiro que os outros — diziam esses geógrafos gregos que de ha seis mil annos — tinham alfabeto, leis, litteratura, artes, industrias metalurgicas, e navegavam pelas costas da Meropida Africana ou da Atlantida Européia, indo pelo norte hiperbóreo até á Hibernia, donde eram as lendas do “Rei de Thule” e do “San Graal”, havendo devassado as trévas oceanicas até aos *Mares-da-noite*, pelas gélicas costas sem sól.

E, como esta gente luso-ibérica foi sempre protegida de Marte e de Venus, consoante reza a epopeia lusiada, as praias da sua Atlantida estão cheias de templos de romanticas invocações dedicados a divindades femininas — Lux divina, Venus Marina, Afrodite Eupleia, Ilha Noctiluca — que posteriormente se transformam no culto cristão ás N. Senhoras do Bom-Mar e dos Navegantes, prodigiosa sobrevivencia, prolongando-se na historia pela fixidez da crença, da tradição, do milagre.

Toda a LENDA ATLANTICA se expande, portanto, a partir daquele primitivo nucleo ibérico. E alguns milheiros de anos após esta antiguidade, muitas vezes milenaria, são ainda os descendentes desses iberos que, sob os pendões de Portugal e Castela, descobrem todo o resto do mundo até então desconhecido !

Porém, como os *atlantes* primitivos, usáram tambem de igual mistério para as suas explorações maritimas ; de sorte que a sua historia está ainda povoada de lendas, de lacunas e de indecifráveis incognitas ; tal como a daquela patria submersa.

Disso têm abusado os historiadores de patriotismos nacionalistas, que os ha por todos os cantos de todos os paises.

E, apenasmente por mór destas abusões, a fabula permanece na memoria e na tradição dos póvos, sempre a

fugir das realidades da terra ; o mundo conhecido rodeava o Mediterraneo, que era então o anfiteatro central da civilização ; tudo o mais era o *Mundo Desconhecido*.

*

Para o longinquo Oriente, como miragens de auróras refulgentes, ficavam as origens e as lendas da criação

No seu extremo estavam os *Edens* da humanidade ; aí, em uma altissima montanha, abeirando os céus, desceu o Adão de todas as Biblias, e nessas eminencias situava-se o planalto do Paraiso, não atingido pelo diluvio universal, de onde se espalhou pelo mundo a numerosa descendencia de Noé

Nétos deste, uns taes Gog e Magog, para defender-se duma grande nação mais a Leste, que lhes devastava o paiz, promoveram a erecção duma extensa muralha, talvez a da China actual, que durante séculos para além separou todas essas raças amarelas. Era já então a classica antinomia de raça, de espirito e de civilização, entre os mundos extremos do Ocidente e do Oriente; entre os que se diziam Arianos e Turanianos.

Surgem neste ponto as duas maiores lendas da etnologia, que se prolongam até nossos dias com uma côrte imponente de livros e de erudição, os dois mitos TURANIANO e ARIANO, inspiradores ainda da mistica racial de actuaes imperialismos nacionalistas.

E assim permaneceu durante séculos esse Oriente longinquo, encurraládo no esoterismo do seu mistério e da sua lenda, ao qual os “geografos chins, siames, gueos, elequios, nomeáram a PESTANA DO MUNDO”, consoante a pitoresca citação de Fernão Mendes Pinto, que

foi um dos ancestrais peregrinos por essas emaranhadas peninsulas e arquipelagos dos vagos confins asiaticos. Até que, dentre os europeus, foram portuguezes os primeiros a visitar aquelas gentes, nas suas povoaas natais, abrindo brécha na impenetravel muralha do Mundo Mongólico.

Para o Sul, uma vastidão infinita : um deserto, um mar, a lenda dos antipodas, que viam outras estrelas, a terra *Antiquetone*, ou *Antecumêne*, o *Alter Orbis* ; confundiam-se as fabulas da Arabia, do Egipto, da Etiopia, entre as arenosas nuvens dos simuns, as vagas dos mares éritreos e os incognitos limites do mundo terrestre.

Os arabes, cuja civilização e cultura domináram uma parte do velho mundo, sabiam astronomia e geografia e tinham uma historia escrita ; ter-nos-hiam legado a sua biblioteca peninsular com uma excelente documentação para o entendimento do globo terrestre, se a guerra religiosa não lhes houvesse destruido o melhor dos seus valiosos arquivos. Só duma feita, um cardeal espanhol, o inquisidor Ximenes, mandou queimar oitenta mil volumes em “arabigo”, supondo-os excomungados “Al-Korões” !

Para eles o Mediterraneo era o *Mar Verde*, o Atlantico o *Mar Negro*, e assim se chamava todo o oceano ao poente da Iberia — o mar *Asouad* ou das trevas — sobre cujas aguas, sempre revoltas, debaixo dum manto opaco, sombrio, brumal, ninguem se aventurava a navegar, pois nele se perdiam as vistas e os rumos, e esmoreciam as vontades dos mais audazes argonautas.

Conheceram o Noroéste Africano e as Canarias, mas tomaram-nas como um dos ultimos pontos do mundo. Nessas *Ilhas Afortunadas* as legendas arabes collocavam a celebre quiméra das estatuas (que ao depois vos contarei) e que constituem as novas Colunas Occidentaes, como hermas limitando um horisonte geografico.

Este, porém, vae caminhando atrás do sol poente, até topar o novo continente, a *Quarta Pars*, que fecha o mundo nesse ocaso, para o abrir em novos orientes no eterno giro da redondeza da terra. Esses monumentos fabulosos concretizam a lenda oceanica do *Mar Tenebroso* e foram um faról da “ocidentalidade” no rumo da civilização.

Junte-se a este mundo de quiméras a influencia da mistica religiosa da idade média, com todas as suas lendas e milagres, e teremos sobre um meio de cultura minima, o estado angustioso do espirito perante o problema indecifrável do universo.

Interpõe-se em toda essa mundanidade de apavorante mistério a propria lenda primaria dos céus, e da térra, que provém das eras de nascimento do sêr humano: os céus movediços marchetados de astros refulgentes, a cujo ritmo se prende a essencia e o dinamismo da vida universal, e sobre cujo segredo impenetravel se fundáram cultos e religiões, e se baseou a esoterica, magica e fabulosa sciencia da *Astrologia*; a terra firme, como ilha finita no infinito dos mares, cuja forma não se sabia se era chata ou curva, redonda ou poligonal, todavia de possivel circumnavegação, pelas costas, e não mais ao largo, porque, se facil parecia ir pelos mares a descer, impossivel seria o regressar a subir! — piór ainda se não fosse plana, mas globular, como afirmavam alguns astrologos, porque não poderiam então sustentar-se no *antipoda* as terras, as aguas e os habitantes, dependurados sobre o abismo dos outros céus!

E as lendas da terra, na sua filosofia geocentrica, entrelaçam-se ainda com o culto do sol, mito supremo do trono olimpico — Zeus ou Jupiter — fonte augusta da luz e da criação, cantico universal de todo o dia; acompanham essa mitologia medieval as poeticas lendas da

LUA, alvinitente imperatriz da noite, deslizando magestosamente pela via lactea de diáfanas nebulosas, alumuada pela sua côrte de constelações diamantinas ; mas cujo reino contém antros de negra escuridão, em que se ocultam macabras procissões de fantasmas, lobishomens, almas penadas e genios do mal, formando os lugubres sequitos que surgem do enigma funéreo da morte ou do imperio plutonico de Satanás.

A terra enclausurava-se dentro destes firmamentos de lenda ; e para além dos horizontes patentes tudo permanece enigmatico como a esfinge faraónica em face do deserto incomensuravel, na sua mitologica e monumental immortalidade.

*

Os viajantes do século XIV, percorrendo terras do Oriente e do Meio-dia, conhecidas pelos seus mais fáceis roteiros através de istmos e mares estreitos, transportam ainda lendas controversas de inumeraveis riquezas, de paraísos deslumbrantes, mas de perigos do maior assombramento.

E' difficil reconstitui-las segundo a verdade geografica, e seriam necessarios volumes para as condensar.

Resumem-se em obras que foram inspiradoras da *Época dos Descobrimentos*, como os roteiros de Marco Polo, o viajero veneziano do seculo XIII, de Ben-Batuta, o geografo moçarabe do seculo XIV, os *Libros del Saber* de Alfonso o Sabio, o *Livro das Maravilhas*, de Mandeville, o *Imago Mundi*, de Pedro D'Ailly, a *Historia Rerum* de Pio II, etc., e chegaram até nós, tambem, nas peregrinações pelas outras partes do mundo, de varias Cruzadas, as ultimas dum célebre e douto portuguez, o Infante D. Pedro.

Portugal, ao iniciar o ciclo das descobertas, encontrou este meio cultural, e defronta-se, como o primeiro dos paladinos da cristandade, com o caso internacional da queda do Império do Ocidente e do avanço vitorioso do islamismo, cercando o velho mundo de cultura romana.

Uma destas ficções, que impulsionou o espirito e a diretriz da marcha para o Oriente, foi a do célebre *Prestes João das Indias*, personagem que devia ter começado a existir pelo seculo XI, mas que subsistiu até ao século XV, como ponto de mira de varias cruzadas e expedições, á procura desse Potentato Cristão, ou Nestoriano, para uma aliança com o Oriente contra os Muçulmanos.

A sua lenda, vagabunda por tempos e terras, trespassa a historia do Oriente classico em um dos seus mais brilhantes periodos, que abraça o vasto e glorioso ciclo mongólico de *Gengis-Kan*, o heroico paladino das correntes tartáricas que trasbordáram dos planaltos genesiacos da Asia Central.

Foi ainda um portuguez, Pedro da Covilhã, que ao tempo de D. João II, o localisou no trono do Negus da Abissinia. E acabou aqui o fadário desta célebre quimera do *Prestes João*, que se encarnou em diversas personagens historicas, e da qual rezam variadas e fantasiosas cronicas, assim como todas as lendas da *Terra dos Abexins*.

*

Surgem, então, nesse pequeno canto occidental da Europa, homens que são gigantes pela sua obra colossal e universal. Domina-os a figura do Infante D. Henrique, que uns consideram já como aurora do renascimento, pelo seu saber em sciencias fisicas e matemáticas, pelo visionario traçado do seu “Plano das Indias”, mas que

outros tomam como uma figura da idade média, pelo ascetismo da sua moral, pela mística da sua ideologia de Cruzado-de-Cristo, pela firmeza da sua fé e da sua vontade, sob a heráldica divisa TALANT DE BIEN FAIRE.

Ao seu comando, zarpam dos portos portugueses frótas de caravélas, com pilotos sabidos na arte de marear, com aparelhos para tomar alturas, com cartas, e com uma bandeira que conduziu pela vastidão dos mares e terras desconhecidas este milagre que assombra todo o mundo.

Lá vão estas frótas, afrontando lendas, raramente promissoras e sempre horríficas. Passam ao largo das *Colunas* para esse *mar tenebroso*, de vagas que abrem abismos, povoado de monstros colossais; e vão dobrando cabos de Africa, vencendo a lenda do CABO NÃO — “quem o passar voltará ou não”; seguem ao sul, abeirando o Cabo Verde, sempre com o mar a estibordo; descobrem rios onde o ouro sai das areias, como plantas silvestres noutros lugares; foge-lhes a terra do nascente, no Cabo das Palmas, e dobram-no voltando-se abertamente para esse almejado Oriente; mas, desde logo a terra se fecha e de novo têm que aproar ao sul. para entrar com o “sol a prumo” na *Zona Tórrida*, inavegavel segundo as lendas, porque os mares, de agoas em cachão, de densa salsugem como pêz, carecem de fundo — inabitavel, porque as suas *Ilhas-do-Sol*, onde a terra escalda e nada vive, estão cercadas de labaredas; passam esse férvido *Equador* em 1471, e vão rodeando o continente até ao cabo do seu fim; e aí, sob as mais mortíferas tempestades, vencem a aterradora *Lenda do Adamastor*, esse gigantesco patrono dos oceanos virgens, monstruoso cérebro posto no vértice final da terra — parelha do Atlas libico — o qual “bramindo o negro mar de longe brada” a trovejante condenação dos seus violadores; e dobram afinal esse fatidico *Cabo das tormentas*, que depois foi da

Boa Esperança, descobrindo o caminho marítimo para o Oriente, rodeando o Continente Africano “por mares nunca dantes navegados”

E vão-se ainda, por lendas do mar Indico, entre cardumes esquivos de peixes-sereias, que andavam de pé sobre as águas, com natureza de mulheres, a que uns chamavam *musas* e outros *nereides* ou *demonios*.

Até que, topão as Índias do Oriente Asiático, realizando para a civilização e para a humanidade o mais universal dos feitos, a mais gloriósa das suas eras e das suas epopeias.

Depois, guiados pelo plano Henriquino, sob os reinados de outro “Príncipe perfeito” e dum célebre “Rei venturoso”, rumam ao Ocidente, transpondo o imenso mar aberto, pelos quadrantes do norte e do sul, que foi o *MARE CLAUSUM* da lenda atlântica; e seguindo, ora a estrela polar, ora o cruzado do sul, vão até definirem um novo continente, que souberam, antes de Colombo, o qual o deixou mergulhado ainda nas fábulas indianas das terras de Catai e Cipango.

Na sua expansão pelo Ocidente, encontram miríades de ilhas, de arquipélagos, que são verdadeiras colmeias de lendas, cujos mistérios vão desvendando de caminho para o Noroeste, até ás terras dos Cortes Reais, para o Sudoeste até ás de Pacheco, de Cabral, e de Magalhães.

E’ cortado definitivamente pelas quilhas das caravelas o afamado *Mar dos Sargãos*, que impedia o caminho do Mar, rumo ao Ocidente, como se fôra, á tona das águas, a espessa floração dum imenso planalto submerso; para uns são os vivos sinais da Atlantida, para outros o insondável *tabú* das florestas submarinas, ninho de monstruosidades indescritíveis.

Esclarece-se o caso da *Ilha Brandon*, ou de São Brandão, flutuante por todo os mares, avistada em varios

horizontes ; *Ilha não achada*, cuja lenda vae até ás tradições celtas da Irlanda e do Paiz de Galles, terras por onde tambem andaram os Atlantes da Ibéria, semeando-as com a sua raça, nas eras primitivas da civilização occidental.

Transporta-se para o seu posto geografico a ilha do *Bracir* ou *Brasie*, que figura em cartas do seculo XIV com novêlos de serpentes arrastando homens ; a qual ficou de certo na etimologia nominativa das novas terras de Vera Cruz. Conhece-se o poiso da celebre *Antilia* ou das *Sete-Cidades*, que barrava o caminho da India Asiatica pelo Ocidente, objecto duma doação real de Afonso V, antes da sua descoberta por Colombo ; porque a lenda aí tinha levado já os sete bispos portuenses, quando da invasão dos mouros, a erigir as suas sete cidades, completamente isoladas da perdição infernal da moirama infiel.

E, se fôra a contar-vos as lendas da marinharia portuguesa e espanhóla. assim como da cartografia antiga, resumidas em mapas figurados e no célebre globo luso-germanico de Martin Behaim, eu teria que transformar a palestra desta noite, nas mil-e-uma-noite de Sheherazade!

Ficou todavia assente que a nautica lusitanica reconhece, primeiro que todas, a existencia dum imenso continente ao Poente, que os portugueses dobram tambem, logo a seguir, fechando pelos mares a volta do Mundo.

Verificam este reconhecimento com Pedro Alvares Cabral, o descobridor official do Brasil, no ano de 1500; e que, com o seu completo segredo, deixa criar essa nova lenda do *acáso* para o aparecimento da terra de Vera Cruz ; erro que já se retirou dos livros didáticos portugueses.

O quadro fabuloso tem, porém, uma tal força de impressão sobre o espirito, na orientação das suas crenças, que, não só foi condutor de feitos mas tambem de palavras.

Através desta leve palestra, quantos vocabulos se transformáram em mitos, *tabús* ou *totens*, e outros ficaram representativos de feitos, tal como as siglas, os disticos ou as legendas heraldicas !

E a propósito vou narrar-vos, de passagem, um incidente veridico, embóra anedótico : uma criança, ao dirigir-se uma vez para a sua escóla acompanhada pela creada, ouve desta a palavra *acaso*, e pergunta-lhe : “sabes o que é o acaso” ? ; vou dizer-te : “a gente vae andando, e, além, ao dobrar a esquina, encontra de repente o Brasil ; ahi tens o que é o *acaso* !”

A anedota tem algo de instrutivo na sua moralidade.

*

Por este método de dissecação analitica vão-se desfazendo lendas, mas outras se refazem no andar dos tempos, até hoje, não obstante a sabedoria moderna.

Assim, na historia do descobrimento das duas Américas, ficarão sempre, dentro dum resplendor de fantasia, a figura iluminada e heroica de Colombo, que se considerou *Embaixador de Deus* na sua illusória visão da Asia Ocidental, ao lado do arguto e aventureiro Vespuccio, como padrinho da América, que não visionou nem descobriu.

O caso de Colombo permanecerá emoldurado num quadro legendario, tal é o enigma que envolve esta desconcertante personagem desde o natalicio até á morte. Os proprios filhos desconhecera a verdade da sua patria e da sua ascendencia ! Viveu, pensou e operou dentro duma nuvem de maravilhosas utopias, entre a terra e o céu ; considerando o globo terrestre periforme e de mais curto

diametro, para mais breve atingir o extremo do Oriente Asiatico ; rodando o Mar das Antilhas como um alucinado, encontrando em cada ilha um continente, onde de-
vêra ser a India ou a China, com capitaes cobertas de tectos d'ouro, tronos forrados de pedrarias raras, povos de esplendorosas civilizações e terras que encerravam no seio os prodigios das Minas de Salomão. E nada houve que desfizesse este ideário de lenda ; nem a mesquinhez sáfara dos arquipelagos, a miseria dos aborigenes barbaros e antropofagos, o martirio dos consecutivos desastres, e nem tão pouco os erros astronomicos e geograficos das observações e dos rumos. Realisou quatro viagens, e voltaria quinta vez, se não morresse, seguindo como louco visionario um rastro fixo, cuja méta só ele descortinava, repetindo os mesmos erros, enebriado no mesmo sonho do maravilhoso oriente das lendas medievais.

O seu caso perdurará no capitulo inicial da historia do Novo Continente, como a primeira LENDA AMERICANA ; e tal é o poderoso *tabú* deste mito, que nem o austéro scien-
tismo da historia moderna foi ainda capaz de o destruir.

Talvez, por não haverem atinado com a verdade, é que muitas destas primordiais tentativas colheram a maxima fama, e se tornaram definitivas.

Para os argonautas da epopéia portuguesa, as descobertas maritimas foram tambem a lenda, a historia, o poema dos LUSIADAS. A obra definitiva surgirá ulteriormente da repartição espontânea da celula germinal, após hiatos de exaustão ou decadencia, por meio dum caldeamento feliz com todas as raças em todos os climas, gerando numerosa próle, muitas vêzes ingrata, mas sempre criadora de novas nações, como a cumprir dentro do organismo mundial um unico destino, de elemento primario, atómico, celular.

Mais uma quiméra, das mais belas, que um povo compôs com a sua heroicidade e o seu martirio, para o supremo bem da humanidade!

*

E na auréola sidérea dessa mundial quiméra entrou como estrela de primeira grandeza a frente atlantica do novo continente ocidental, povoada tambem de lendas : sobre a forma exótica das terras, das aguas e dos ares ; sobre a população indigena de extranha conformação, costumes e cultos ; sobre a grandesa do territorio, dos seus montes, das suas matas, dos seus estuarios vastos como bacias mediterraneas.

De tantas, uma se fixou, a das *Amazonas*, na nomenclatura geografica, marcando o maior rio das Americas. Rio de tamanha caudal, que penetra o Oceano até bem longe, transmudando o amargor do seu glauco elemento em *Mar-Doce* ; como verdadeiro promontorio de aguas virgens, linfa que resumbra do úbere terrestre, infiltrando-se com a subtileza da sua feminidade, e transformando em pacifico lago, do mais amoroso enlace, esse monstruoso Atlantico com tentaculares amplexos de vagalhões, estrondosos furores de espumas e ruins humores de maresías.

Não nos será necessario reconstituir o *mito amasónico* de outros tempos e outras terras, de estilo grego e origem caucasica, com a evocação dessas mulheres-vampiros, guerreiras e travêssas, em clans independentes, prontas a trucidar os seus homens de ocasião ; ou tambem reconstituir as figuras hieraticas dessas rainhas-cleopatras, que comandáram exercitos tão sómente com o poder fascinante da sua imperial formosura.

A formosa caudal do AMAZONAS, da America Brasileira, com a encantadora beleza e magnificencia da sua bacia, unica no mundo, com o seu leito serpenteante na zona equatorial, que é o cálido ventre da criação, com o seu dominio sobre uma imensidade de natureza que abraça e amamenta a rede infinita dos seus afluentes, constitue o mais perfeito simbolo dessa *Amazonia* lendaria, de feminal sublimação, que dominou sempre o corpo e a alma da velha humanidade com o que nela se contem de mais belo, de mais puro e de mais real.

*

Passáram alguns anos, depois do periodo de reconhecimento e, ha quatro séculos, o velho reino decidiu ocupar as terras dos *Brasis*, conquistadas para os seus dominios pela primazia da descoberta, pelo exacto reconhecimento e demarcação das terras, e pelo meridiano divisório do tratado com a Espanha, lavrado em Tordesilhas sob a benção e a bula papal.

Para isso, com um completo aparelhamento nautico, com um programa de governo, com uma nação dentro de uma armada representativa da maior potencia colonizadora, chegou a São Vicente o primeiro dos capitães do Brasil, MARTIM AFONSO DE SOUZA ; pisou terra, representando, para a historia inicial desta grande patria luso-brasileira, todo esse passado de glórias que durante mais dum século encheu o mundo inteiro.

Uma vez aqui, quando dos primeiros contactos desta gente metropolitana com a terra brasileira — ainda uma fabulosa incógnita na sua imensa profundidade — outras lendas surgiram, sobre o mistério dos sertões, o gentio

antropofago, as origens dos primeiros ocupantes, aventureiros, degredados ou naufragos.

Entretanto, uma lenda interessante — similar do mito, meio cristão, meio pagão, de São Tomé — abrange o mistério desse primeiro imigrante branco. E' a LENDA DO SUMÉ, que assim se denominou essa personagem mitica, vinda do mar, portanto do Oriente, e cujas pègádas existem, como marcos petrograficos assinalando a sua entrada desde as bordas do mar. Consoante o erudito Capistrano de Abreu, seria "branco, de barbas longas e vestes talares, e tornou-se uma especie de Triptolemo, Prometeu ou Escupalio reunidos, ensinando aos selvagens o preparo da mandiôca, o uso do fogo, da extracção do cabelo do corpo, dos simples e dos venenos, especialmente do mate — erva de São Tomé — que era mortal até o apóstolo mudar-lhe as propriedades. Afinal, quando alguns indios malvados tentaram mata-lo, fugiu para o mar e foi-se tão misteriosamente como viera. ”

Nesta lenda do *Sumé* podem incluir-se as misteriosas figuras do Caramurú, do Bacharel da Cananéa, do Ramalho do Piratininga, do Chaves da praia Itararé, do Rodrigues do Tumiarú, etc., especie de *Sumés*, vindos tambem do Leste, cujas firmes pègádas marcaram uma nação, multiplicando-se para a povoar, e sumindo-se tambem nas sombras legendarias da sua origem maritima e oriental.

De casos teratologicos duma fauna imaginária, terrestre ou maritima, haveria para contar-vos um rosário de lendas de monstros fabulosos, alguns de especies antidi-luvianas, outros semi-humanos, e que se repetem em varios logares da costa brasileira, como a quiméra "Hipupiara", mórta na praia de São Vicente por Baltazar Ferreira, futuro genro de Ramalho; figura anfíbia, com corpo de otário, de 15 palmos de estatura, com busto de mulher, mãos de tres longas unhas, focinho canino e cerdas

de leão. De certo qualquer lobo-marinho transviado das costas frias do Sul, que, assim se transformou em um novo *Mito*.

*

Todo este fabulario da epoca dos descobrimentos gira, como um sistema planetario com a sua côrte de satélites, em torno dum sol, tambem, como o Astro-deus, lucente e todo-poderoso ; é o mito universal do OURO ou de “tudo quanto ouro valha” *A auri sacra fames*.

Procurando sintetisar, vemos como estas historias da lenda, ou lendas da historia, se agrupam em ciclos, no centro dos quais está o que uns disem ser principal fraqueza ou erro humano, outros a sua maior potencia ou virtude, mas que levou o homem ás mais perfeitas exaltações da sua excelsa espiritualidade e ás mais gloriosas conquistas da humanidade sobre o universo. Soberbia, ambição de riqueza e de gloria,

“D’esta vaidade a quem chamamos fama” ;

“O’ gloria de mandar ! O’ vã cobiça.”

Foi esta aurea cobiça que levou tambem os lusos *Cavaleiros-do-Mar* a contornar todos os continentes e arquipélagos, óra cortando o Atlantico para o Pacifico, ou vice-versa, óra pelos oceanos da Arabia, da India e da China, até ao Japão e á Australia, ao léo das monções e das correntezas, atrás déssa lenda famosa da *Ilha-do-Ouro*.

E foram igualmente as aparições diluculares deste fantasma escameado de ouro — rebento dos encantados pégos maritimos — que de facto balisáram o órbe terres-

tre, e geométricamente delineáram o primeiro “Mapa-Mundi”

Em cada uma déssas primitivas balisas tremúla, ou uma flamula portugêsa, ou, quando outra, qualquer que se lhe substituiu, atrás da esteira desses heroicos argonautas, oriundos da lendaria *Atlantida Ibérica*.

Este, em verdade, o surto animico daquêla *éra de gigantes*, pois que só em gigantescas carcáças poderia caber uma tal megalomania de utopia ou quiméra.

No seu fundo subsiste a lenda universal do Tosão-DE-OURO a que se antepõe o *tabú* proibitivo de outras quiméras ; pois que, justo no portal dessa *Ophir* esplendida, acropole magnifica de deslumbrantes tesouros, existe sempre um obstaculo impenetravel, um abismo hiante, um dragão invencivel ou as serpentes asquerosas das *Ophiussas Aureas*. São tantas as lendas dessses dragões furi-bundos, desde o oriente chino-japonez até ao ocidente europeu, que permanecem dentro de todos os cultos e vão até á nossa popular legenda de *São Jorge*, o vencedor de todos os dragões ; tal como o vemos, no reverso da *libra-esterlina*, *padrão-ouro* da moderna era ; quejanda vivemos, tambem, no mesmo sonho ou fatidica quiméra da fortuna dourada. a opulencia desses potentados arquimilionarios que empunham os scétros da recente civilisação capitalista.

E, com efeito, repassando os quadros desse passado lendário, poderemos concretisa-los nos tres aureos ciclos dominantes, que percorremos rapidamente em um vôo zodiacal, e que nos dão a suma idéa desse mundo tão quimérico de forma quanto verdadeiro de substancia:

O CICLO DA ATLANTIDA, abrangendo a classica civilisação mediterranea, com todo o mistério de riquezas das *Cassiterides*, em ambar, estanho,

cobre e oricalco, com a prata tartessia, o ouro vindo da bacia do Rheno, doutros rios dos mares nórdicos ou da Schitia — *A Argonautica Iberica*.

O CICLO DO ORIENTE, com a *Cheironesa Aurea* de Ptolomeu, de Plinio, de Salino, as Ilhas de *Chrysa e Argyra* (ouro e prata), as montanhas d'ouro da Mongolia, as minas de Salomão, as perolas, as pedrarias, as especiarias exóticas e preciosas da India, da China e do Japão — *A Miragem das Indias*.

O CICLO DO OCIDENTE, englobando as *Anti-lhas* da lenda com aureas cidades ; o Eldorado continental da America Espanhola ; o ouro, os diamantes, a natureza opulenta da America Portuguesa ; o paraíso ocidental, da paz e da felicidade, onde o proprio sol descansa e dorme — *A Nova Atlantida*.

Senhoras e Senhores ! E' tempo de terminar o conto desta noite. Findarei, porém, este roteiro de quiméras, repetindo-vos ainda uma lenda arabe, que transcrevo duma anterior conferencia, já publicada, porque aqui ficará mais a proposito ; e, tambem, para deixar neste ambiente de graciósa amabilidade, como um vóto cor-dealissimo, a profecia ou ideologia que emana da lenda e da quiméra, tal como nos veio do Passado.

“Em um manuscrito arabe de vetusta antiguidade, intitulado *AKBAR-AZ-ZEMAN*, conta-se que nos confins do Atlantico erguem-se, como altos minaretes, tres gigantes estatuas de idolos, feitas por *Abrahah*; uma é

verde e estende o longo braço a perguntar “*onde ides?*” outra é amarela e faz sinal com a mão para que “*te afastes e retrocedas*”, a terceira é negra e aponta para o mar profundo em cujas glaucas voragens “*te afundarás*” para sempre, se tentares violar o *tabu* desta passagem.

“Os navegantes portugueses, arrostando esses perigos fabulosos, desfizeram as lendas arabes e outras, de monstros marinhos, ilhas encantadas, ondas de fogo, idolos misteriosos como esfinges a tapar a esteira do sól.

“Derrubaram nessas terras do Poente o *ídolo negro* destruidor da vida, e lá deixaram o VERDE E O AMARELO lado-a-lado, de mãos dadas na atitude de quem chama e convoca os outros povos do Nascente para a obra da Democracia e da Civilização — simbolo geminado e bifronte da Liberdade e da Fraternidade.

“Juntam-se no pavilhão auri-verde, como os dióscuros da mitologia romana, ou os gêmeos da constelação zodiacal.”

E, ainda como lábaro dum numeroso exercito emigratório, simbolisa uma nova *mística*, que guia um povo mesianico para a *Canaan* duma promissora revelação, enlevado numa das suas queridas lendas de aventuras seduções — o NOVO MITO DO BRASIL

Por ele vêm caravanas de iberos-lusitanos, em peregrinações seriadas e continuas, de pertinaz correnteza, a que não podem opôr-se os diques oficiais de proibição, nem as peias policiais de fronteiras.

Essa multidão abala pelos mares como uma formidanda romaria de *Manes* dos antepassados *Atlantes*, vagueando sobre o cemitério flutuante, em cujos talassicos antros se sepultou a primitiva patria *Atlantida*, sob a mortalha opalescente e magnifica dos poentes maritimos.

E vão atrás desses merencórios resplendores dos Ocasos, costas ás auroras radiantes dos Nascentes, face á

outra margem desse imenso sepulcro oceânico, onde será a NOVA ATLANTIDA, que surge dos horisontes ocidentais como terra ressurrecta e prometida, vedando o mundo de pólo a pólo.

Foi uma erupção, de expansividade colectiva, desse fundo escuro em que se condensam o genio da raça e o espirito da tradição, e onde se geram as almas nacionais e as fantasmagorias dos mitos, das crenças, das religiões, condutoras de povos e construtoras de nações.

Dessa lendaria *Atlantida Iberica* carregaram uma nação com todas as suas formas de cultura, que aqui se fixa no semblante da gente, na fala, nos costumes, na casa, no templo, em todos os mistéres da lavoura, das artes e das industrias. E, com a sua civilização, transportaram tambem os mitos, os cultos e as lendas, mixtos de paganismo e de cristianismo, como a desta outra Terra-da-Promissão ou da *Vera-Cruz*, com os seus eldorados, jardins de encantadoras hespérides, em que floresce a *Arvore dos pomos d'ouro*, ou das *patacas*, no dizer do populacho, arremedando os cunhos joaninos dos monetarios reinóis.

E aqui implantam a utopia magestosa da *Nova Lusitania* ou a *Nova Atlantida*, sobre alicerces carregados de velhos mundos, mas como paiz duma nova civilização para um futuro ciclo da Humanidade.

Mundo Novo que se gerará no seu polo equatorial, antipoda do berço oriental e classico dos povos ; este, exausto pela sua longevidade multimilenaria desde a genése biblica, aquele, virgem na sua vastidão intertropical, ocupando os planaltos paradisíacos do Brasil e do Centro-Americano, ainda impovoados, regados por arterias fluviais abundantes de força e riqueza, ainda intactas, até á maravilhosa bacia Amazonica, a maior do mundo, em cujo delta será, um dia, o máximo empório marítimo de todo o globo.

Restabelece-se o berço equatorial da nova civilização *ibero-americana*, que atravessará o oceano e se prolongará pela facha intertropical do Continente Africano, definindo uma nova e grandiosa nação sobre a qual ha de imperar o pavilhão das côres luso-brasileiras, como da maior potencia atlantica desse novo mundo.

*

E aí tendes aonde nos léva esta ambiencia da LENDA, em uma hora de imaginoso futurismo ; até esta sintese de mera fantasia, mas que englóba tantas outras já contadas da velha mitologia mediterrânica.

Aqui vo-la deixo, entrementes, e para findar : esta quiméra epopeica da *Nova Atlantida*, ladeada pelas estatuas auri-verdes da lenda arabe, como genios tutelares, na portada triumphal dum NOVO MUNDO.



ALGUMAS DAS NOSSAS ABUSÕES
QUINHENTISTAS

Conferencia de
AFFONSO DE E. TAUNAY

pronunciada a
14 de janeiro de 1932

ALGUMAS DAS NOSSAS ABUSÕES QUINHENTISTAS



A profundeza dos millenarios ancestraes da humanidade das cavernas persistia presa á alma das gerações a noção da existencia de seres monstruosos, reflexos do subconsciente atavico, contemporaneo dos annos em que o homem a todo o instante precisava defender a precaria vida daquellas feras enormes, hoje extintas, como o leão *machairodus* ou o urso *speleus*. E formas zoologicas vulgares nas éras em que o debil animal vertical assistia, assombrado, á passagem dos rebanhos dos mammuths immensos e dos aurochs colossaes.

Dahi a tendencia a sempre imaginar as terras desconhecidas povoadas pelas bestas gigantescas, em forças e dimensões, ou de extravagantissimos aspectos, ameaçadoras continuas da vida da especie, ainda muito longe de vir a ser a senhora absoluta do Universo.

Dahi a tendencia, geral a todos os povos, creadora da crença em monstruosos phenomenos.

Nada mais interessante do que se fazer a resenha das abusões reinantes, por exemplo, entre os europeus a respeito das faunas da Africa, da Asia e do Novo Mundo, no alvorecer da primeira centuria americana.

A mais arroubada imaginação de esculptor de gargulhas medievaes, cathedralescas, ou de pintores de enti-

dades infernaes se sentia inteiramente a gosto neste terreno da interpretação dos devaneios da fantasia creadora de uma fauna requintadamente monstruosa como esta da America recém-descoberta.

Para o Novo Mundo, “ebrios de um sonho heroico e brutal”, partiam as levas dos conquistadores, as revoadas dos gerifaltes, de vôo alçado sobre o monturo de seu ossuario natal, cansados de aturar a altaneira e arrogante miseria, como tão poderosamente exprimem os alexandrinianos heredianos.

Da Europa medieval proseguia o desvairamento pelas velhas terras fantasticas maravilhosas, desde muito suspeitadas, de Ophir e de Golconda, os mirificos reinos de Catay e os senhorios do Prestes João das Indias.

Concretisavam-se os devaneios seculares relativos a estas regiões onde os pactolos reservavam aos audazes, riquezas desvairadoras das mais arroubadas imaginações. E onde viviam homens que não tinham humano aspecto e animaes das mais extravagantes formas.

Partiam os aventureiros á busca daquellas minas inesgotaveis do fabuloso metal que Cipango amadurecia em suas entranhas e diariamente adormeciam crentes no despertar de épicos alvorotos.

A immensidão pelagica já agora menos ignota graças á epopéa da gente lusa e ao genio de Colombo, em cuja esteira os hespanhoes se precipitavam açodados, a vastidão dos oceanos continuava a encerrar o Mar da Noite povoado de monstros de toda a especie.

Ali se constituiria o refugio não só das sereias, dos tritões, de todos os velhos abantesmas da primitiva civilização mediterranea, como dos Krakens dos nautas nordicos. E toda aquella fauna de immensuraveis dimensões como a dos cephalopodos colossaes, facilmente abarcadores dos mais altos galeões nos infindaveis tentaculos. A dos

cetaceos formidaveis, deglutidores possiveis do immenso salvador do propheta Jonas, nas aguas mysteriosas e obscuras daquelle mar infindo proliferava vivaz.

Assim á proa das naus, nos quartos de prima e de modorra, infindamente conversavam os aventureiros sobre as visões maravilhosas que os esperavam.

As rudes cartas de marear e os portulanos que lhes norteavam a navegação incerta, incertissima, naquelles annos em que nem se conhecia ainda a existencia da declinação magnetica, inculcavam-lhes a probabilidade do encontro, a todo o momento, das mais estranhas e agigantadas formas botanicas e zoologicas componentes de uma teratologia estupefaciente. Kilometros de sargaços de movimentos voluntarios e homicidas; colossaes alimarias de infinda potencia destruidora e insaciavel ferocidade.

Em versos magnificos descreveu-nos Goffredo Telles em *O Mar da Noite* o aneio da maruja de Colombo pelo contacto das maravilhas escaldantes da imaginação e promettidas pelas aguas e pelas terras.

A's vesperas da Descoberta invadem, mais do que nunca, a decepção e o desalento a alma dos nautas :

*O mar mentiu. O mar Tanto nos promettia!
 .mentiu desde o primeiro dia!*

*...Onde estão as gemmas, entrevistas
Com raios de rubis, lyncurios e amethistas?*

*.E as fragas d'oiro? As maretas de prata?
E os gryphos? E os tritões? E a phenix?
 E essa matta,
Que devendo abrigar mil esphinges felizes,
Era toda coral desde a copa ás raizes?*

De outro genero eram as esperanças dos homens d'armas desabusados pela intermina espera :

*E a guerra? E a bulha? Eu vim sedento d'ameaças,
Jogar meu desafio ás sanhas doutras raças.
.A grei dos pygmeus, o imperio dos gigantes.*

Assim, nos relatos dos primeiros desvendadores dos segredos da America virgem encontramos a cada passo, as demonstrações desta expectativa sempre aguçada dos europeus pelos encontros das formas monstruosas de uma fauna e de uma anthropologia novas.

Vejamos o que deste conjuncto de abusões desvanecidas provém pelo exame do mais antigo material livresco, sobre a nossa terra existente.

I

OS PRIMEIROS RELATOS SOBRE A FAUNA DO BRASIL. PALAVRAS DE RODOLPHO GARCIA. A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA. MESTRE JOÃO E SUA CARTA. PALAVRAS DE VESPUCIO. A GAZETA DO BRASIL. PIGAFETTA. CABEZA DE VACA. ULRICO SCHMIDEL E A SUA SHUE-EYA-TUESCHA.

“A flora e a fauna do Brasil tiveram como seus principaes exploradores Vespucci, Thevet e Lery, que no proprio seculo da conquista descreveram plantas e animaes, os exquisitos fructos dos tropicos e as aves vistosas das nossas florestas”, diz o douto Rodolpho Garcia.

Vespucci em sua primeira carta a Soderini, publicada em 1503, refere-se ás multidões de papagaios multicores como das novidades que mais o maravilharam no Brasil.

Dos lagartos (iguana) que os índios assavam, diz que não tinham asas e se assemelhavam ás cobras.

Seus pés eram grandes e grossos, armados de fortes garras, sua pelle de cor variada, seu pescoço e cabeça de verdadeira serpente. Seu nome indígena quem o revelou á Europa foi Pedro Martyr nas *Decadas*. Lery descreveu as araras e os macacos. Thevet os tucanos e as cotias para considerar aqui sómente a Fauna porque da Flora também trataram estes precusores.

Desde os primeiros dias provocaram admiração em Lisboa as grandes aves de plumagem azul e purpurina que, de Porto Seguro, enviou Cabral a D. Manuel.

Não é de extranhar portanto que nossa terra grangeasse a denominação de Terra dos Papagaios que apparece em alguns mappas e documentos coevos, como na correspondencia official de Lorenzo Cretico com a senhoria de Veneza, de que era agente junto ao monarcha lusitano. Para a França levaram os contrabandistas de Honfleur, do Havre e de Dieppe verdadeiros carregamentos de exemplares da fauna brasileira que figuraram com primoroso realce nas festas celebradas em honra do rei Henrique II, em Rouen, no anno de 1550.

Revistemos, *per summa capita*, o que a tal respeito nos indicam os nossos mais velhos chronistas e cartographos, relativamente ao Brasil. E, para começar pelo começo, examinemos os dizeres singelos e exactos do mais velho dos documentos brasileiros: a carta do bom escrivão Pero Vaz de Caminha.

Neste famoso relato nada encontramos que se subordine ao titulo de nosso estudo.

Interessou-se Pero Vaz, muito mais como era natural, pelos homens divisados á ourela de nossa costa do que pelos animaes.

Ao verem os nossos indios o papagaio pardo, africano, que Cabral comsigo trazia mostraram que em sua terra outros havia com elle parecidos ; uma gallinha os assustou e um carneiro os deixou sobremodo surpresos.

Viu o escrivão papagaios vermelhos, muito grandes e formosos e outros verdes pequeninos, e ainda outros pardos, além de pombas seixas e aves pretas quasi como pegas de bico branco e rabo curto.

Narrava o escrivão ao Rei Venturoso que no Brasil não havia “boi, nem vacca, nem cabra, nem ovelha nem gallinha nem outra nenhuma alimaria que costumada fosse ao viver dos homens” Mas que surpresas não reservaria aquelle immenso sertão onde os nautas “a estender olhos só podiam ver a terra e arvoredos sem saber se ali havia ouro nem prata nem nenhuma outra cousa de metal”

A 13 de Dezembro de 1519 ancorava Fernão de Magalhães na Guanabara que elle julgava ser ainda desconhecida e a que piedosamente baptisou bahia de Santa Luzia. Chronista de sua expedição foi o cavalleiro Francisco Antonio Pigafetta, veneto, vicentino, de nobre estirpe, cavalleiro de São João de Jerusalem, autor de famoso relato da primeira viagem circumnavegatoria. A curiosidade o levava a embarcar na esquadra do glorioso circumdador do Globo. Foi um dos dezoito que de tantos e tantos nautas voltaram da espantosa façanha. Em francez escreveu o jornal da expedição.

Do Brasil relata que era tão grande como a França, Hespanha e Italia juntos e foi o primeiro que nos deixou um vocabulario da lingua geral. Pequeno, pois só arrola doze vocabulos. Mas, emfim. conta-nos cousas muito curiosas dos nossos indios e indias.

Em materia de zoologia extravagante viu no Rio cerdos de umbigo á espalda e passaros grandes cujo bico lembrava uma colher e não tinham lingua.

Havia no Rio de Janeiro uma infinidade de papagaios ; por um espelhosinho offerciam os indios oito ou dez louros.

Ali viu tambem “gatos simiescos” lindos, amarellos, que pareciam leõesinhos.

Os commentadores pretendem que os taes cerdos eram os nossos caetetús. Deviam os gatos ser os nossos micos leões.

Passou Pigafetta entre os seus contemporaneos por muito adverso ás idéas de Epaminondas em relação ao respeito á verdade. E, facto curioso, esta fama de pouco verdadeiro, conta-nos um de seus commentadores, proveio do facto de que elle, exactamente, relatou a verdade destruindo umas tantas abusões correntes na Europa, sobretudo acerca dos factos da zoologia.

Assim se cria, desde muito, que a ave do paraizo era destituída de pernas ! e como Pigafetta contestasse tal asserção não faltou quem o acoimasse de mentiroso.

Ulrico Schmidel, de Straubing, Baviera, foi um destes inexoraveis aventureiros quinhentistas incluidos na classe do feroz *vol de gerfauts hors du charnier natal*, do famoso verso herediano.

E no sequito dos conquistadores iberos, veio ás terras da America expandir as veras de sua alma cruel, sedenta de aventuras em scenarios novos cheios de perigos, em busca de impressões violentas e satisfação dos mais truculentos instinctos.

Foi soldado de D. Pedro de Mendoza, quando este conquistador veio á America do Sul, numa empreza que

Martim del Barco cantou em rude e reles verso relatando
que o seu heroe partira para

*.la Argentina
Provincia, y en conquista de paganos,
Con dinero robado entre Romanos.*

Sim, porque este celebre e mallogrado primeiro fundador de Buenos Aires fôra dos daquella horda de ferocissimos lansquenetes, de mil e um povos, que sobre Roma, em 1527, marchava a cantar as glorias do seu general, o famoso principe transfuga do sangue real da França e inexoravel inimigo de Francisco I :

*Cala, cala ! Cesar, Anibal, Scipion !
Viva la fama de Borbon !*

Do saque de Roma, optimos proventos auferira D. Pedro de Mendoza, que passou a sonhar ser no Prata, o emulo de Cortez e de Pizarro.

Na sua armada, de quatorze grandes naus, tripuladas por dois mil e quinhentos hespanhóes, veio Schmidel com mais cento e cincoenta allemães do norte, hollandezes e saxões, legitima "flor de minha gente" da nossa conhecida expressão. Dezenove annos passou na America do Sul para onde partiu a 1 de Setembro de 1534.

De volta á Europa, escreveu a sua "Historia verdadeira de uma viagem curiosa feita por Ulrico Schmidel de Straubing na America ou Novo Mundo, pelo Brasil, Rio da Prata, desde o anno de 1534 até o de 1554" em que se verá tudo quanto soffreu durante estes dezenove annos e a descripção dos paizes e dos povos extraordinarios que elle visitou"

Neste intervallo, de quanta cousa horrenda foi o *straubingense* participe ! Quanta perversidade nos relata das lutas entre hespanhoes e indigenas e das pugnas intestinas dos proprios conquistadores !

Cançado de uma vida de tantas commoções resolveu voltar á Europa. E o fez por terra, de Assumpção a São Vicente, passando, em 1553, por Santo André da Borda do Campo, onde aliás, não encontrou João Ramalho. Isto, como se vê, antes da fundação de São Paulo. Pouco refere em sua obra que possa servir de achega ao nosso escopo.

Fala-nos apenas que nas aguas de Cabo Verde encontrou immenso e perigosissimo peixe chamado *schaubhuten* por causa do grande circulo que tinha á cabeça. Uma ou outra vez se refere a sucurys e crocodilos.

A proposito destes saurios, ensina a seus patricios que elles não são animaes venenosos como na Allemanha se dizia, affirmando-se que o seu halito e até os simples olhares se tornavam mortiferos. A tal proposito diz mettendo-se a espirituoso : “é verdade que quem contemplar este peixe (*sic*) morre mas porque não ha quem não tenha que morrer algum dia” Espirituosissimo.

Não passavam de fabulas outras asserções, ainda acerca dos jacarés. A saber : provinham de geração espontanea nas cabeceiras dos rios ; só os podia matar a apresentação de um espelho onde se vissem reflectidos.

Ha, porém, um topico das aventuras de Schmidel que se enquadra no nosso programma.

Atravessando terras hoje brasileiras, á esquerda do Paraná, viu á margem do rio *Urquan* (?) muitas cobras daquellas que os hespanhoes chamavam *Schue-eya-tuescha* (*sic*), terrivel reptil, perigosissimo, que com a cauda laçava homens e animaes, a se banharem nos rios, arrastando-os para o fundo.

A um destes minhocões, affirma o nosso aventureiro ter tomado as dimensões, achando-lhe uma circumferencia de quatro braças allemãs (7m,32), o que lhe deixa um diametro de 2m33 !

E tinha o bicharoco dezeseis passos de comprimento, ahí uns treze metros. Que muralha, que montanha de carne !

Nem a famosa serpente de Marcos Atilio Regulo se lhe poderia comparar á nossa cobrinha do Ruo Urquan ; o monstro que no norte da Africa, á margem do rio Bagrada, fez frente ao exercito inteiro do pro-consul, segundo relata Valerio Maximo, apud Tito Livio, no seu livro XVIII, um dos que se perderam do grande historiador.

“Engolia soldados esmagando a muitos nas voltas da cauda. Não lhe faziam mozza os dardos. Mas afinal esmagada ao peso dos projectis e das pedras que, de todos os lados, lhe arremessavam, as machinas e a gente, succumbiu, depois de ter parecido a todos, cohortes e legiões mais terrivel que a propria Carthago”

As aguas do rio ficaram tintas do seu sangue e as exhalações pestilenciaes que sahiram do cadaver infeccionaram a região toda, obrigando os romanos a levantarem acampamento. A pelle do monstro mandada para Roma mediu cento e vinte pés (39m,60 !).

Com certeza a *Schue-eya-tuescha* do nosso Schmidel era algum descendente da serpe do celebre proconsul, batido por Xantippo, prototypo do respeito á palavra dada e do patriotismo inexcedivelmente acrysolado.

Ou quiçá haja sido algum filhote do *Kraken*, da immensissima serpente marinha, que mais parece uma ilha fluctuante do que um animal.

Similiorem insulae quam bestiae, no dizer de velho e veneravel chronista, da autoridade de um Olaus Magnus !

Bicho contemporaneo do *Genesis*, com uma milha e meia de extensão e tentaculos capazes de abarcar um "dreadnought" como o "up-to-date" *Saratoga*, e a sua enorme plataforma para aviões. E leval-o para os abysmos pelasgicos, como um jacaré a algum pato bravo descuidado! Que humilhação para as nossas mais formidolosas *eunectes* a cobrinha de Ulrico Schmidel!

Que valem os nossos mais berradores *minhocões* perto desta *Schue-eya-tuescha*? Mas ha ahi um conselho a dar-se aos genealogistas: procurarém solver a seguinte duvida: não existirá algum parentesco qualquer entre Ulrico Schmidel de Straubing e o hannoveriano, brilhante, heroico, impavido, temerario, official de cavallaria do exercito russo, em campanha contra os turcos: Jeronymo Carlos Frederico, Barão de Munchhausen, a cujas aventuras immortalisaram a prosa do erudito Raspe e o lapis de Gustavo Doré?

II

UM ESTUDO DO DR. ANNIBAL CARDOSO. OS
CHRONISTAS HESPANHOES. GANDAVO E O
SEU HIPPUPIARA. A CARTOGRAPHIA QUINHEN-
TISTA E OS ANIMAES FANTASTICOS.

Nas columnas de *El hornero*, interessante e valiosa publicação ornithologica argentina, publicou o distincto naturalista Dr. Annibal Cardoso uma série de artigos filiados á mesma ordem de idéas que nos levou a escrever sobre a zoologia do Brasil primevo e as abusões dos conquistadores e povoadores.

Restringiu-se, porém, o Dr. Cardoso ao campo exclusivo da ornithologia, havendo subordinado os seus es-

criptos ao titulo *La ornitología fantastica de los conquistadores*.

Aos leitores brasileiros será, certamente, interessante, conhecer o que, sobre tal assumpto, traçou o autor platino, que aliás, além de percorrer a bibliographia hespanhola, consultou a portugueza.

A sua ornithologia fantastica tanto é, em geral argentina quanto brasileira, visto como as especies mencionadas da avifauna sulamericana tanto occorrem em seu paiz quanto no nosso.

E' muito vivaz a introdução do estudo do naturalista platino :

“Entre las distintas citas y descripciones que en libros y documentos nos ha dejado la época colonial, pintando con fantásticos colores una fauna extravagante y fenomenal, merecen un buen capitulo las que se refieren a las aves de nuestro país cuya descripción, tan inexacta como exagerada, ofrece pasajes de cómica candidez, que revelan al estudioso el estado de los conocimientos en aquella época y sirven al curioso lector un buen rato de alegre distracción.

Desde el paso del Estrecho por Magallanes en 1520, cuando PIGAFETTA describió el Apterodytes diciendo que “parece cubierto de plumitas por todo el cuerpo”, extranando, sin duda, no estuviera cubierto de otra cosa, hasta la feliz llegada de AZARA, cuantos disparates se escribieron, que este tuvo que emmendar !

No es posible olvidar las extravagantes citas de OVIEDO, HERRERA, LOPEZ DE GOMARA, CIEZ, DE LEÓN Y tantos otros que, durante el primer siglo de la conquista, escribieron disparatadas descripciones de nuestra fauna.

Tanpoco podemos hacerlo de aquellos padres jesuitas que les siguieron en los siglos asunto, al que agregaron mayores extravagancias y patrañas.

Las descripciones del Padre ACOSTA, aunque juiciosas, fueron sujetas a la leyenda bíblica ; las del Padre TECHO, sólo sirvieron para ponderar los conocimientos medicinales de tal a cual jesuita empirico ; Padre FLAKNER, que por respeto a sus antecesores en la Orden, tampoco aclara esos errores, por su parte, en las citas propias, no fué capaz de describirnos el *yacaré*, porque cuando le vió correr con salvaje fiereza en las orillas del Paraná, se le antojó bestia apocalíptica !

Siguieron a estos, muchos otros padres jesuitas que al escribir la historia de los trabajos efectuados por la Compañía de Jesús, se ocuparon de la descripción de los animales y plantas más notables que aquí hallaron ; relatos que subordinaron a tres puntos principales ; la leyenda fantástica de que gozaban ; la misteriosa influencia que les atribuían como panacéa de todas las enfermedades ; las observaciones propias, más estupidas que ignorantes, en que pintan metamorfosis imposibles, haciendo pasar por evoluciones sucesivas, gusanos y mosquitos, a las clases más superiores en que se dividen los vertebrados.

El fuerte principal de estos historiadores es la medicina, copiada casi siempre hasta en sus groseros detalles, de la que usaban los indígenas.

Y aquí no nos es posible olvidar la estupenda terapéutica del Padre historiador GUEVARA, que ponderando al pájaro *Guacho*, dice : “no tiene cosa más estimable que su excremento, cuya virtud más apreciable, que el oro y todas las preciosidades del mundo, y sirve admirablemente para curar las quebraduras de huesos”, citando luego el caso de un muchacho que se quebró una pierna e curó en *dos días* con un emplastro del famoso excremento, “hasta el extremo de poder caminar”.

Bien poca cosa es, en verdad, tan estupendo prodigio, ante la cura del indio que nos refiere el Padre MONTE-NEGRO, a que habiendole pasado por sobre el pecho la rueda de una monumental carreta tucumana cargada con varios quintales de algarroba, sanó en pocos días con la infalible cataplasma.

Los órganos de los sentidos poco servian para guiar por buen camino el extraviado criterio de aquellos hombres, y sus visiones fantasmagóricas se sucedian con desesperante resultado para la ciencia.

El Padre VASCONCELLOS afirmó haber visto “*con sus propios ojos*, unos gusanillos blancos criados en la superficie del agua que se hicieron mosquitos; los mosquitos pasaron a la forma de lagartos, estos se convirtieron en mariposas, y las mariposas se transformaron finalmente en picaflores.

Un caso más notable que este, nos lo ofrece el relato de un marino español, que visitó las costas del Pacífico. Un día que paseaba por el campo, encontró un pájaro, para el desconocido, que revolcaba la cabeza por la arena para desembarazarse de los parásitos que le incomodaban, y como en ese instante resonara al lado una nota muy eminentemente clásica para el oído del marino, éste no vacilló en apuntar la siguiente cita que transcribió más tarde en su “*descripción del Perú*”: “*el pájaro trompetero el cual saca el sonido de trompeta pegando la cabeza en tierra y expeliendo el aire por detrás*”?

Y con esto, ya curados de espanto, podemos pasar adelante”

Obedeciendo á ordem chronologica devemos na *Historia da Provincia de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, do bom Pero de Magalhães Gandavo, procurar elementos portuguezes para o estudo da nossa zoologia primeva.

E realmente, publicada em 1576, representa a obra de Gandavo, como se sabe, o primeiro documento impresso lusitano em que surgem descriptas as cousas do nosso paiz.

Depois de ensinar como se descobrira a provincia brasileira e a razão pela qual se devia chamar Santa Cruz e não Brasil “descreve o sitio e qualidades da provincia”, etc. E passa o engenhoso bracarense a tratar das “plantas”, mantimentos e fructas que ha nesta provincia, onde se encontravam cousas interessantissimas”

Assim assegurava que em terras de São Vicente por exemplo nascia certa arvore que se dizia pela lingua dos indios *obiró paramaçaci*, o que quer dizer páo para enfermidades.

Tres gotas de seu leite purgavam uma pessoa “por baixo e por cima, grandemente” E quem tomasse “quantidade de hua casca de noz morreria sem nenhuma remissão”

O que porém ha de mais interessante na *Naturalia* do optimo Gandavo é o capitulo VI.

Dos animaes e bichos venenosos que ha nesta provincia.

Bichos muy feros e venenosos porcos que andavam em terra e nagua : Antas “que sam da feiçam de mulas mas nam tam grandes” Pacas e cotias tatús, “quasi tamanhos como leitões, e com um casco como de kagado ; tigres, que na terra se nomeiam por onças ; cerigóes que sam pardos e quasi tamanhos como raposas, os quaes tem huma abertura na barriga ao comprido de maneira que de cada banda lhes ficam hum bolso onde ficão os filhos metidos” ; preguiças, “que teem hu rosto feo ; huas unhas muito compridas quasi como dedos, gadelha grande no toutiço e se move com passos tam vagarosos que ainda que ande quinze dias aturados não vencerá distancia de

tiro de pedra” “Tamandoás e bogios de muitas castas, cobras muy grandes que engolem hum veado, outras venenosas”, que têm no rabo uma cascavel e andam sempre rugindo, etc., etc..

E a bicharada que existia pelo sertão ?

Seria um nunca acabar descrevel-a. “Inficionados das podridões, das hervas, matos e alagadiços” tornavam-se os ventos do Brasil.. Casando-se a sua influencia á do Sol surgiam estes animaes “muitos e mui peçonhentos que por toda a terra estavam esparzidos e infinitos”

Passando ás aves lembra Gandavo as de rapina “muy fermosas”, a infinidade de gaviões “muy destros e forçosos”, e dentre as que se comiam : as *macucaguás* muy saborosas ; os papagaios estimadissimos pelos europeus. E a este proposito diz o geographo que os broncos indios logravam os sabidos portuguezes vendendo-lhes papagaios camuflados, incapazes de falar e outros psittacideos a que depenavam quando filhotes, tingindo-lhes a penugem com o sangue de certas rãs.

Mas a ave mais digna de nota era certamente uma “que tinha mais officio de animal terrestre”, a *hema*, de que traça pittoresca descripção.

No Brasil era o pescado “saboroso e sadio” Baleias havia-as em profusão e peixes-bois de quarenta e cincoenta arroubas.

Nada porém mais interessante em toda a fauna brasílica do que o “fero e espantoso monstro marinho que se matara na Capitania de São Vicente no anno de 1564”, com quinze palmos de comprimento, semeado de cabellos pelo corpo e tendo no foçinho “huas serdas muy grandes como bigodes” Com semelhante phenomeno travara combate nocturno o animoso rapaz Balthazar Ferreira que tivera a sorte inaudita de o matar a estocadas.

“Movia-se de hua parte para outra com passos e meneos desusados e dando hurros de quando, em quando, tam feos que parecia alguma visão diabolica”

Para combater pozera-se o bructo erecto, firme sobre as barbatanas da cauda e tentando apanhar o adversario com os braços terminados por umas especies de mãos armadas de quatro enormes garras. Enterrara-lhe Balthazar pela barriga a dentro o grande estoque e recebera pelo rosto tal jorro de sangue e com tamanha força, que quasi ficara cego. O monstro mal ferido assim mesmo remettera a elle indo para o tragar a unhas e dentes. Conseguira porém o heroico mancebo dar-lhe na cabeça tal cutilada que o deixara prostrado.

Tão grande a sua commoção devida ao terrivel prelio que por largo tempo ficara “perturbado e suspenso sem poder explicar o que lhe succedera”

“E assi esteve como assombrado sem falar cousa alguma por muy grande espaço”.

Em tropel vieram os indios admirar o monstro a que em sua lingua chamavam *Hippupiara*, o que quer dizer *demonio da agua*.

E outros do porte do monstro deviam nutrir as aguas brasileiras, observa Gandavo. Já diversos hipupiaras se haviam avistado em mais pontos da costa, embora raramente.

E a commentar o portentoso phenomeno zoologico observa: “E tambem deve aver outros muito maiores monstros de diversos pareceres que no abysmo desse largo e espantoso mar se escondem, de não menos extranheza e admiração; e tudo se pode crer, por difficil que pareça: porque os segredos da natureza não foram revelados todos ao homem pera que com razam possa negar, e ter por impossivel as cousas que não viu, nem de que nunca teve noticia”

E assim, philosophicamente, remata o cidadão bracarense as suas considerações sobre o extraordinario caso do hipupiara revelado ao mundo da civilização occidental ; gigantesco leão marinho extraviado pelas correntes oceanicas das baixas latitudes á vicentina ou quiçá levado por fatal espirito migratorio de curiosidade, raro entre os de sua raça, mas susceptivel talvez de se lhe encastoar ao cerebro rudimentar.

Na cartographia do seculo XVI numerosos documentos nos informam das abusões reinantes na época e relativas á fauna das terras e dos mares brasileiros e sul-americanos.

Curioso é que no mappa celebre de Juan de la Cosa, datado do proprio anno da descoberta do Brasil, nada vejamos desenhado que recorde as crendices referentes aos monstros marinhos acaso existentes no Atlantico meridional graças á fantasia dos cartographos.

Celeberrimo tambem o Planispherio de Cantino, datado de 1502 e encontrado, após ser largamente tido como inevitavelmente perdido, a envolver a carne cortada ás libras de um açougue italiano, se não nos falha a memoria. Assignalam-no as vistosas cores e o meridiano de Tordesilhas assignalado por enorme letreiro : “Est he o marco dantre castella portugual”

Na zona consagrada ao Brasil traz enormes psittacideos que parecem araras vermelhas, azues e amarellas. Apresentam-se no littoral atlantico ostentando immensos e espiralados bicos e surgem-nos á sombra de umaflora extravagantissima.

Na chamada *Carta de Turim*, que data de 1523, vê-se curiosa selva de grandes arvores desenhadas, troncos nús, altas frondes sem lianas, tudo quanto ha de menos brasileiro ; sobre as franças do arvoredos estão installadas

aves de vistosa plumagem que também parecem pertencer á *gens papagallorum*.

Outros pisttácideos surgem no Atlas dos Reinel, onde também vemos um dragão horrendo, em terras do centro sul-americano, e uma phenix de vantajosas dimensões. No mappa de Canesio (1505), abundam os psittácideos em terras do Brasil e não menos pittorescos.

Mas geralmente nestes mappas o que vemos apparecer são scenas anthropophagicas ; índios a se espostejar, a assar no espeto membros de sacrificados pela mussurana e o tacape.

A' medida que os annos passam, psittácideos e macacos continuam a occorrer e quasi sempre, vem mesmo a ser os elementos preferidos para a representação da fauna dos vertebrados sul-americanos, sobretudo brasileiros.

Brasilia sive terra papagallorum.

Um dos mappas mais curiosos, como typo deste genero, é o de Pierre Descelliers, que data de 1550 e está cheio de scenas selvaticas. Nelle vemos um peixe immenso á altura do Prata, cuja cabeça quasi tem as dimensões de meia caravella.

De monstros immensos povoa Diogo Homem, em 1558, o mar das Antilhas e o Atlantico Sul.

Mercator, em 1569, colloca á altura da Terra Nova, um monstro do tamanho, não de uma caravella, mas quasi de uma esquadilha.

A carta do nosso amigo André Thevet, em 1575, é do maior pittoresco. Pelas costas do Brasil divertem-se monstrenhos horrendos ameaçando ás naus de as tentar submergir nas profundezas das "ondas amaras" da classica chapa.

Em aguas do Pacifico é enorme a fauna monstruosa cartographica, immensos peixes volateis, cetaceos de co-

lossaes fauces, espadartes prodigiosos fisgando serpentes, etc. etc.

Gigantesco ichtyodo, ichtyoloma erizado de formidaveis espinhas, colloca-o, em 1584, Giovanni Battista Mazza rondando os mares pelas vizinhanças de Fernando de Noronha.

Espantoso bicharoco ! No anno seguinte a imaginação escaldante de Jan van Doet inventa colossaes peixes, de cabeças leoninas e caudas, ora trifidas ora em meia lua, ameaçando assaltar caravellas e galeões.

Este mesmo cosmographo colloca no valle amazonico enorme quadrupede *in exteriore parte vulpem ex posteriore simiam, simiavulpina vocatur* e de pés perfeitamente humanos.

De Abrahão Ortelz, hollandez, latinizado para Ortellius, a novidade é um peixe de grandes cerdas na Patagonia, assim mesmo menor do que a incommensuravel baleia do famoso Theodoro de Bry e de outro habitante das salsas ondas, que Cornelius de Jode inculca. Tem perfeita cara de lobo, e surge no seu mappa especial consagrado ao Perú e ao Brasil : *Brasilia et Peruvia*.

Pedro Plancio, este inventou o peixe hipopotamo do *Orbis terrarum typus de integro multus in locis emendatus*. E' um tatú canastra, mexicano, do tamanho de uma anta, além de um jaguar peruano com cara humana. Tambem descobriu um elephante e passaro phenixforme, inclassificavel, na fauna patagonica.

Quanto a Arnaldo Florentino van Langeren este, em 1596, revelou ao mundo culto novos animaes da America do Sul, como certas cabras de immensissimas orelhas, que se arrastavam pelo sólo e sobretudo o famoso *Hay* de que dizia : *Hanc bestiam quae a quibusdam Hauts et a Tomoupinanbaulensis Brasiliae populo Hay vocatur, nemo ut scribunt vel edentem vel bibentem nunquam vidit : hinc*

quidam opinantur eam neque cibum capere neque potu ali neque alio alimento, quam haustu aeris vivere.

Não menos interessante o mappa de 1598 da autoria de Josse Hond que se latinizou para Jodocus Hondius. Denuncia ao norte do Amazonas, tigres, leões e colossaes javalis maiores do que os leões. E na sua ethnographia local surge-nos uma tribu de indios acephalos com os olhos, o nariz e a bocca sobre o thorax superior.

O interessante é que o illustre Theodoro de Bry em 1599 perfilha as asseverações de seu collega e explica que os taes indios eram os da tribu Iwaipanoma. Outro cartographo, Vrient, em 1599, povoa os oceanos de horrendas serpes, Krakens e demais bicharocos, que lembram as fórmias antediluvianas dos ichtyosauros e dos plesiosauros.

Curioso, porém, que todos estes cosmographos não hajam collocado, nos rios sul-americanos, as colossaes sucurs de que já tinham conhecimento por Schmidel, Gandavo e outros chronistas.

III

JOÃO DE LERY. FERNÃO CARDIM. GABRIEL
SOARES DE SOUZA

João de Lery, borgonhez de La Margelle, é um nome que ninguem ignora, entre os que sabem as coisas do nosso paiz um pouco mais do que pela rama.

Predicante calvinista, estudava theologia com Calvino, em Genebra, quando á cidade do Lemano chegaram os instantes pedidos de Villegaignon para que lhe enviasse

o Reformador ministros destinados á colonia da França Antarctica.

Assim, a 19 de Novembro de 1556, embarcava em Honfleur, com destino á Guanabara, onde se immortalisaria. Tinha apenas vinte e dous annos de idade.

Chegados ao Rio, Lery e seus collegas passaram dias amargos, a trabalhar como pedreiros e cavouqueiros nas fortificações que Nicolau Durant levantava na satisfação do principio primordial do *primo vivere*.

Ficassem as predicas para mais tarde. exigia-lhes o ex-cavalleiro de Malta.

A discordia, como todos sabem, arruinou a tentativa franceza da colonisação e Lery foi deportado, com os outros ministros calvinistas, tendo conseguido voltar á França, após os horrores de uma travessia longa, torturada pelas angustias da fome.

Em 1578, publicava a sua famosa *Histoire d'un voyage fait en la Terre du Brésil autrement dite Amérique*, que já em 1600 contava quatro edições em latim e francez o que mostra quanto fôra apreciada, muito tambem porque a adornavam curiosas estampas exoticas.

Nella fazia acerbas accusações ao *Caim da America*.

Verdade é que a obra do borgonhez figura entre as que terão sempre publico, interessante como se apresenta a versar numerosos assumptos inteiramente novos, no seu exotismo.

Trazia-lhe o rosto appetitoso programma, falava dos brazis, dos animaes e das arvores de nossa terra e de muitas cousas singulares desconhecidas “de nós outros” (sc. os europeus).

Descrevendo os animaes, lagartos, serpentes e outros animaes monstruosos da America, conta-nos que o tapirussú, participando de uma e outra alimaria, é semi-vacca e semiasno ; fala-nos que a queixada tem ás costas

um operculo por onde respira quando quer, á moda dos cetaceos, e da-nos noções agora mais ou menos certas, de diversos dos nossos mais vistosos animaes.

Passa depois a descrever o encontro que teve com terrivel monstro.

“Em certa occasião dois francezes e eu commettemos o erro de nos mettermos a caminho para visitar o paiz, como costumavamos, sem levar selvagens por guia, e nos transviamos nos bosques ; e quando ladeavamos profundo vale, ouvimos o ruido e andadura de um bruto, que vinha em nossa direcção ; e pensando ser animal silvestre, não parámos nem demos importancia ao caso.

Mas, de repente, á dextra, e quasi a trinta passos de distancia, vimos na encosta da montanha um lagarto muito mais volumoso do que o corpo de um homem, com o comprimento de seis a sete pés. Parecia revestido de escamas esbranquiçadas, asperas e escabrosas como cascas de ostras ; ergueu um dos pés dianteiros e com a cabeça levantada e olhos scintillantes parou firme para encarar-nos.

Vendo isto, e não tendo então nenhum de nós arcabuz nem pistola, pois só traziamos espadas, e arco e flexa na mão (armas que não podiam servir-nos contra esse furioso animal tão fortemente armado) tememos, que se fugissemos, o bruto corresse, mais do que nós, nos alcançasse, empolgasse e devorasse. Assombrados como estavamos olhando uns para os outros, ficamos quedos e immoveis.

Depois este monstruoso e medonho lagarto, abrindo a bocca por causa do grande calor que fazia (pois o sol brilhava e era então quasi meio dia) e soprando tão fortemente que o ouviamos distinctamente, contemplou-nos perto de um quarto de hora, volveu-se de repente e fugiu pelo monte acima, fazendo maior barulho e estrepito nas

folhas e ramos por onde passava do que faria um veado correndo na floresta.

E nós, que raspamos tamanho susto, não tivemos por certo a lembrança de perseguil-o, e louvando a Deus por ter-nos livrado do perigo, proseguimos no passeio.

Pensei, depois, seguindo a opinião daquelles que dizem que o lagarto deleita-se com o aspecto do rosto do homem, que o bicho tivera grande prazer de olhar para nós, que aliás, transidos de medo, o contemplavamos”

Qual seria este apocalypticó lacertilio brasileiro? Quem lhe poderá desvendar a origem?

Descreve Lery a preguiça chamada pelos selvagens *hay*, como animal “nos matos muito feroz, mas fácil de amansar-se quando aprisionado”. “Verdade é que por causa das suas unhas os nossos Tupianmbás sempre nós como andam não gostam muito de folgar com este quadrupede.

Tratando dos costumes dos nossos selvagens e descrevendo-lhes os festins anthropophagicos surdia-lhe do peito um brado de justiça. Fossem pelos europeus, pelos francezes especialmente, acoimados os americanos de ferocidade! Não occorrera a matança de São Bartholomeu havia tão pouco ainda?

“De ora em diante, verbera pois, não abominemos tanto a crueza dos selvagens anthropophagos, isto é, comedores de homens; porquanto existem individuos taes ou antes mais detestaveis e peiores, no meio de nós, do que aquelles que só investem contra nações suas inimigas, como vimos, quando estas aliás ensopam-se no sangue dos seus parentes, visinhos e compatriotas; e nem é preciso ir fóra do nosso paiz, ou chegarmos á America para ver cousas tão monstruosas e extraordinarias”

Assim vemos que ao nosso predicante assistiam sentimentos positivos de imparcialidade.

E' Fernão Cardim, sem duvida alguma, uma das mais illustres figuras daquelle pleiade de jesuitas gloriosos que immortalisou a sua congregação, no periodo por Capistrano chamado a idade heroica da Companhia.

A seu respeito escreve Rodolpho Garcia, e com a maior exacção : “nelle não ha sómente o geographo que estuda a terra, suas divisões, seu clima, suas condições de habitabilidade, o ethnographo que descreve os aborigenes, seus usos, costumes e cerimonias ; o zoologo e o botanico por igual aparelhado para o exame da fauna e da flora desconhecida, mas ha tambem o historiador diserto que discorre sobre as missões dos jesuitas, seus collegios e residencias, o estado das capitancias, seus habitantes e suas producções, e progresso ou a decadencia da Colonia, e suas causas, sobre a vida, emfim daquelle sociedade nascente, de que participava”

Seus depoimentos são o de testemunha presencial e valem ainda mais pela espontaneidade e pela sinceridade com que singelamente os prestou.

Curioso, porém, que o illustre ignaciano haja averbado informes de toda a especie sobre a nossa zoologia e a nossa botanica sem, frequentemente, muito lhes discriminar o valor.

Assim acceitou grande copia de indicações, por vezes absolutamente infantis, que lhe dão aos escriptos um tom de credulidade excessiva, incompativel com a alta intelligencia de quem os redigiu.

Em seu “*Do clima e terra do Brasil e de algumas cousas notaveis que se acham assim na terra como no mar*” trata o nosso grande ignaciano, largamente, da fauna brasileira.

Dos porcos montezes adduz como os demais chro-nistas, que já cotámos : “tem o umbigo nas costas e por

elle lhe sahe um cheiro, como de raposinhos ; e por este cheiro os seguem os cães e são tomados facilmente”

Do tamanduá bandeira relata que se valia da cauda para se abrigar da chuva, frio e ventos. “Agasalha-se todo debaixo della sem lhe apparecer nada”

Dos tatús affirmava que eximios cavadores como sabiam ser, tanto cavavam, em dado tempo, com o focinho, quanto vinte e sete homens armados de enxadas!

A irara era o prototypo do altruismo : “se achava mel não o comia sem chamar seus semelhantes”, cousa de grande admiração e exemplo de fraternidade para os homens”

Passando ao reino dos simios, divulga Fernão Cardim curiosas cousas. Assim nos relata dos *aquiquig*, macacos musicos :

“Estes bugios são muito grandes como um bom cão, pretos e muito feios, assim os machos como as femeas, têm grande barba sómente no queixo debaixo, destes nasce ás vezes um macho ruivo que tira a vermelho, o qual dizem que é seu Rei.

Este tem o rosto branco, e a barba de orelha a orelha, como feita á thesoura, tem uma cousa muito para notar, e é, que se põem em uma arvore e fazem tamanho ruido que se ouve, muito longe, no qual atura muito sem descançar, e para isto tem particular instrumento esta casta : o instrumento é certa cousa concava como feita de pergaminho muito rija e tão lisa que serve para burnir, do tamanho de um ovo de pata, e começa do principio da guella até junto da campainha, entre ambos os queixos e é este instrumento tão ligeiro que em lhe tocando se move como a tecla de um cravo. E quando este bugio assim está pregando escuma muito e um dos pequenos que ha de ficar em seu logar lhe alimpa muitas vezes a escuma da barba”

Do cangambá a que chama biarataca refere que gulosissimo de ambar andava pelas praias á sua procura. Tal a violencia de sua ventosidade que alguns indios haviam morrido, tão fetida era ! Varias aldeias se tinham despovoado graças á artilharia das insupportaveis maritacas que muitas vezes para não serem presentidas “cavavam no chão e dentro dos buracos guardavam a ventosidade”

Assim como Gandavo, acreditava o bom Fernão Cardim, piamente, na existencia dos homens marinhos ou monstros do mar do Brasil. Verdade é que quando escreveu os seus *Tratados* já corria impressa a obra de Pero de Magalhães.

Mais alguns pormenores nos conta o provincial jesuitico sobre as proezas de taes abantesmas.

“Estes homens marinhos se chamão na linguagem Igpupiára ; tem-lhes os naturaes tão grande medo que só de cuidarem nelles morrem muitos e nenhum que o vê escapa ; alguns morrerão já e perguntando-lhes a causa dizião que tinhão visto este monstro ; parecem-se com homens propriamente de boa estatura, mas tem os olhos muito encovados.

As femeas parecem mulheres, tem cabellos compridos, e são formosas ; achão-se estes monstros nas barras dos rios doces. Em Jaguarigipe, sete ou oito leguas da Bahia, se tem achado muito ; em o anno de oitenta e dois indo hum Indio pescar, foi perseguido de hum, e “acolhendo-se em sua jangada o contou ao senhor ; o senhor para animar o Indio quiz ir ver o monstro, e estando descuidado com huma mão fóra da canôa, pegou delle e o levou sem mais apparecer e no mesmo anno morreu outro Indio de Francisco Lourenço Caeiro.

Em Porto Seguro se vêem alguns e já tem morto alguns Indios. O modo que tem em matar he : abração-

se com a pessoa tão fortemente beijando-a e apertando-a consigo que a deixão feita toda em pedaços, ficando inteira e como a sentem morta dão alguns gemidos como de sentimento e largando-a fogem : e se levão alguns commelles sómente os olhos, narizes e as genitalias e assi os achão de ordinario pelas praias com estas cousas menos”.

Da Flora do Brasil largamente se occupou tambem Fernão Cardim. E della nos dá muitas indicações cuja extravagancia é digna de ser comparada á dos factos zoologicos aqui reportados. Como exemplo de uma destas abusões transcrevamos a que se refere á “arvore que tem agua”

“Esta arvore se dá em campos e sertão da Bahia em lugares aonde não ha agua ; he muito grande e larga, nos ramos tem huns buracos de comprimento, de um braço, que estão cheios de aguas que não transborda nem no inverno, nem no verão, nem se sabe donde vem esta agua. E quer della bebam muitos, quer poucos, sempre está em o mesmo ser, e assi serve não sómente de fonte, mas ainda de hum grande Rio caudal, e acontece chegarem cem almas ao pé della e todas ficão agasalhados, bebem e lavão tudo o que querem e nunca falta a agua ; he muito gostosa e clara, e grande remedio para os que vão ao sertão quando não achão outra”.

O delicioso Gabriel Soares, adoravel de se ler, em seu *Roteiro do Brasil*, onde como que de cada linha reçuma a intelligencia de quem escreve, foi como todos sabem um espirito sobremodo lucido. Tanto mais valiosos os seus depoimentos quanto residiu no Brasil longos e longos annos.

Toda a razão assiste a Varnhagen para expender em seu prefacio ao *Roteiro*, que “á obra do senhor de engenho da Bahia considerava talvez a mais admiravel de quantas em portuguez produzira o seculo quinhentista”.

A's suas preciosissimas notas geographicas entre-meiam-se em geral, as ethnographicas e historicas, do povoamento da costa e da fundação das nossas mais antigas localidades.

“Não ha duvida senão que se encontram na Bahia e nos reconcavos della, muitos homens marinhos, a que os indios chamam pela sua lingua *upupiara*, os quaes andam pelos rios dagua doce pelo tempo do verão, onde fazem muito damno aos indios pescadores e mariscadores que andam em jangadas onde os tomam e aos que andam pela borda da agua mettidos nella.

A uns e outros apanham e mettem-nos debaixo dagua onde os afogam ; os quaes sahem á terra com a maré vasia afogados e mordidos na boca, narizes e na sua natura.

E dizem outros indios pescadores que vieram tomar a estes mortos que viram sobre agua uma cabeça de homem lançar um braço fóra della e levar o morto.

E os que isso viram se recolheram fugindo á terra assombrados do que ficaram tão atemorizados que não quizeram tornar a pescar dahi a muitos dias ; o que tambem aconteceu a alguns negros de Guiné ; as quaes fantasmas ou homens negros mataram por vezes cinco indios meus ; e já aconteceu tomar um monstro destes dois indios pescadores de uma jangada e levarem um e salvar-se outro tão assombrado que esteve para morrer e alguns morrem disto.

E um mestre de açúcar do meu engenho affirmou que olhando da janella do engenho que está sobre o rio, e que gritavam umas negras, uma noite, que estavam lavando umas formas de açúcar viu um vulto maior que um homem á borda dagua, mas que se lançou logo nella ; ao qual mestre de açúcar as negras disseram que aquelle era o homem marinho, as quaes estiveram assombradas

muitos dias ; e destes acontecimentos acontecem muitos no verão, que no inverno não falta nunca nenhum negro”

Onde porém o nosso bom Gabriel Soares deixa-se levar a mil devaneios vem a ser no capitulo consagrado á nossa herpetologia. *Em que se declara a quantidade das cobras, lagartos e outros bichos*, quando ao leitor explica que “cobras são estas do Brasil de que tanto se fala em Portugal, e com razão, porque tantas e tão extranhas não se sabe onde as haja”

A velha abusão que fazia da nossa giboia verdadeira phenix acha guarida nas paginas de um homem da intelligencia de Gabriel Soares.

Quando o gigantesco ophidio “comia uma anta, ou outra cousa grande que não podia digerir, se empanturrava que não podia andar”

Leiamos porém o curioso topico : “E como se sente pesada lança-se ao sol como morta, até que lhe apodrece a barriga, e o que tem nella ; do que dá o faro logo a uns passaros que se chamam urubús, e dão sobre ella comendo-lhe a barriga com o que tem dentro, e tudo o mais, por estar podre ; e não lhe deixam senão o espinhaço, que está pegado na cabeça e na ponta do rabo, e é muito duro ; e com isto fica limpo de carne toda, vão-se os passaros e torna-lhe a crescer a carne boua até ficar a cobra em sua perfeição ; e assim como lhe vae crescendo a carne, começa a bolir com o rabo, e torna a reviver, ficando como dantes ; o que se tem por verdade, por se ter tomado disto muitas informações dos indios e dos linguas que andam por entre elles no sertão, os quaes o affirmam assim”



MARTIM AFFONSO INTIMO

Conferencia de

GOFFREDO T. DA SILVA TELLES

pronunciada a

21 de janeiro de 1932

MARTIM AFFONSO INTIMO



U quiz ser indiscreto, meus amigos. Por effeito de uma curiosidade, que talvez seja malicia, mas que vos parecerá perdoavel neste caso especialissimo das “Conferencias Affonsinas”, antes de cuidar, segundo me cumpria, de nosso Martim Affonso intimo, assaltou-me o espirito a vontade estranha de perscrutar. o sub-consciente de D. Olivia.

A essa tentação, minhas senhoras — como a tantas outras, ai de mim! — não pude resistir.

O sub-consciente de D. Olivia !.

Dizem por ahi os philosophos — grei atrevida por excellencia — que o sub-consciente nos escravisa. Teriam razão? Quem sabe! Esses palradores não gozam de bom conceito. Mas admittamos que ás vezes acertem, e que, por acaso, mereça boa acolhida seu apophtegma.

E' verdade que em mim, quem manda, inicialmente, é a propria D. Olivia, bastando para prova de tal asserção, o facto de me achar agora nesta perigosissima tribuna. Mas isto á parte, busquemos, por hoje, sem mais hesitações e reticencias, dar credito inteiro aos citados philosophos; e, de entre estes, mais particularmente, aos psychanalystas, como diria, com perfeita precisão, nosso

amigo Linhares, o estadista provector, ex-professor de teleologia.

Assim, pois, o que nos domina — a todos nós, sem excepção, e, portanto, mesmo a D. Olivia — é o celebre ou, antes, o já mal afamado sub-consciente. E' elle, minhas senhoras, que impera soberanamente em nosso individuo, sem que nos demos conta da sua prepotencia; e que nos arrasta pela vida em fóra, muito subrepticamente, como os seres manhosos, mas com arbitrio tyrannico e incontrastavel. Ninguem ignora o que seja o sub-consciente. O sub-consciente é uma força intima. Reside em nós mesmos, muito embora não adivinhemos de onde provém. E' a vontade occulta e vigilante, que nos orienta, a nossa revelia, defendendo-nos, impellindo-nos, contendo-nos, inspirada em uma comprehensão mysteriosa de nossos interesses mais profundos, emanada de um como que senso divinatorio de nossas supremas conveniencias.

Notemos, porém, como particularidade curiosa, que sua acção se exerce no sentido rigoroso de nosso destino. Porque nós temos um destino, meus caros amigos. Nem ponhamos duvida em admittil-o. Somos um fructo da natureza, e está nos designios da natureza que sejamos exactamente o que somos, que occupemos o logar muito preciso em que nos encontramos, no tempo e no espaço, como élo minimo, atomico, infinitesimal, porém concreto, real e indispensavel, d'essa cadeia ininterrupta, que parece não ter principio nem termo e, entretanto, une o começo ao fim, collocada, como se acha, entre o abysmo do passado e o abysmo do futuro, ou melhor, para insistir na terminologia dos philosophos, entre o infinito da origem e o infinito do destino.

Sim. o celebre sub-consciente !

Elle é, sem duvida, em cada um de nós — e, portanto, mesmo em D. Olivia — uma força da natureza, docil aos dictames da natureza. Si reparardes, minhas queridas senhoras, vereis que elle age sempre numa coherencia absoluta com a significação que, no mundo, assume nossa vida, effeito e prova d'essa logica suprema, indestruc-tivel e permanente, d'essa logica implacavel e divina que existe e existirá sempre, na sequencia inevitavel dos factos, para ligar o que fomos outróra, no mais longinquo passado ancestral, ao que temos que ser hoje, amanhã, depois, atravez das gerações vindouras, até a ultima consummação dos tempos.

*

D. Olivia declarou-me, dias atraz, que pretendia promover, em sua casa, esta série de conferencias historicas.. sim, digamos historicas.

Encantadora idéa, não? Fitei D. Olivia com attenção, e emquanto meditava em seu lindo projecto, perguntei-me, de mim para mim : “porque será?”

Dei a D. Olivia um sincero applauso. Dei-o com este entusiasmo crescente, que me suscitam sempre seus gestos e inspirações. Entretanto, fiquei-me com a indagação no espirito : “porque seria?”

Conferencias sobre Martim Affonso, conferencias sobre o quarto centenario de São Vicente, conferencias sobre os primeiros tempos de nossa terra. Linda, encantadora idéa !

Nascia, é claro, de um impulso de patriotismo. Pro-manava, indubitavelmente, d'esta veneração pelas cousas nossas, de que D. Olivia nos dá prova edificante, cada dia, em tudo quanto faz, em tudo quanto diz, em tudo quanto pensa. Mas, além disso, de que outra razão intima se inspirava?

E' evidente que o caso de Martim Affonso não interessa de modo igual a toda gente, por ahi a fóra. Porque lhe quiz dar D. Olivia tão especial attenção?

Sei de pessoas, nesta conceituada patria brasileira, a quem o nome de Martim Affonso, até ante-hontem, nada evocava de muito especial... pela boa razão de que lhes era totalmente desconhecido.

Verdade é que, ao lado dos ignorantes, existe tambem a roda dos letrados. Esta, em materia de Martim Affonso, divide-se em duas classes: a dos que pouco sabem e a dos que fingem que sabem (creio que me incluo na segunda categoria).

Alguem, no club, dias atraz, em conversa, para responder a uma subita interpellação, e não querendo confessar falta de preparo, explicou, por alto, que Martim Affonso tinha sido. "um daquelles deputados do tempo da monarchia"

A explicação satisfez.

Outro caso. Um doutorsinho, aliás modesto e sympathico, recorria ante-hontem a minha alta proficiencia, (que ingenuidade!), para se informar sobre a individualidade do grande capitão. Declarou-me, compungido, que d'elle bem pouco sabia, pois que, "no tocante a Martim Affonso, tinha apenas ouvido falar... da cachoeira" Ficou desolado quando lhe revelei que esta mesmo, por cumulo de infelicidade, não era de Martim, porém de Paulo Affonso. A que ficavam então reduzidos seus conhecimentos?

Outra confusão de nomes, particularmente desculpavel, e a que assisti, ainda ha poucos instantes, é aquella em que acaba de incorrer uma nobre dama de nosso meio social, presente aliás á reunião de hoje. Desejando a illustre senhora, que agora me ouve, e a quem beijo as mãos por sua gentileza e fidalguia, referir-se ao caso de nossas conferencias vicentinas, perguntou-me, cheia de interesse, si eu tambem ia falar sobre Martim Francisco. Trocou nomes, não é verdade? Mas posso affirmar que não o fez com o intuito de offender a memoria do illustre morto. E' evidente que os vultos historicos não constituem objecto de sua principal preocupação. Mas que mal ha nisso? Trocar os nomes dos outros é uma cousa elegante. Alguns dizem que é prova de superioridade. E, depois, bem no fundo, senhoras e senhores, que o tal Martim fosse Affonso ou Francisco, seria lá isto, cousa de maior monta?

Quanto ao 4.º centenario de São Vicente, convenhamos que nem todos o estão celebrando com a desejavel convicção patriótica.

Certos senhores se espantam, de repente, com as noticias propaladas sobre o assumpto.

— Mas, afinal de contas, de que se trata? perguntou-me, ha dias, cheio de innocencia, um honrado commerciante de Santos, residente no José Menino, a dois passos de São Vicente.

Respondi-lhe que tanto barulho em torno de nossa linda cidade costeira, não podia deixar de ser algum novo reclame da praia de banhos.

— Mas como!, exclamou elle com superioridade, si nem hoteis ha por lá! Falassem então do Guarujá, do José Menino, ou mesmo do Boqueirão.

De um fazendeiro, optima pessoa e muito meu amigo, ouvi tambem a seguinte phrase lapidar, digna de consignaçoão : “Centenario de São Vicente? Ora é bôa ! Um escarcéo tamanho para um centenario d’esses ! Logo São Vicente ! O logarejo mais atôa do Estado, e que só dá siri !”

E como eu não lhe respondesse, o caro agricultor concluiu :

— Ora, ora ! Ainda si se tratasse de Jahú ou de Ribeirão Preto !

Mas não é só. Ouvindo pronunciar o nome de São Vicente, no correr das presentes commemorações, pessoas houve, meus senhores, e não poucas, que suppuzeram simplesmente, sem nenhum espanto, com plena ingenuidade de alma, cuidar-se não já da praia de banhos, nem da tal cidadinha dos siris, mas do suave “heróe da caridade christã”, que se chamou São Vicente de Paula. Estão convictos de que se trata de uma homenagem posthuma ao vulto fascinador do grande santo da Igreja. Verdade é que para este ultimo equivoco, uma justificativa existe, das mais accitaveis. Lembrae-vos de que o immortal São Vicente, por titulos que lhe são privativos, tem agora, em São Paulo, o direito de ser considerado o santo do dia, o santo da móda, uma vez que elle foi, em seu tempo, tal como, entre nós, hoje, nosso esbelto interventor federal, um impavido... protector dos mendigos.

*

Mas não nos atardemos com divagações. O facto real é que, si muita gente se desinteressou da epopéa vicentina, D. Olivia, pelo contrario, vota-lhe um piedoso carinho. Eu quiz, por isso, ao passo que applaudia sua

iniciativa, investigar as razões secretas, remotas e intimas, do sentimento que, mysteriosamente, a influenciava.

Para começar, antes de mais nada, detive-me alguns instantes a considerar seu nome, seu nome inteiro, de resonancia tão paulista ; e logo a seguir, a longa série dos outros nomes que aquelle evocava. Busquei, então, vencido pela curiosidade, adivinhar o espirito que nelles se continha, o sentido que encerravam. Preoccupado, como sou, com as influencias atavicas, remontei, assim, de nome em nome, atravez das camadas genealogicas, aos inicios confusos de nossa patria. Sim, meus senhores, ao passado primeiro, ao lindo passado humilde, pobre, indigente, sombrio, em que se formavam, sob o sol rutilante do litoral, com os primeiros casamentos christãos em terra brasileira, no primeiro embryão da raça, as primeiras gottas do sangue paulista.

Ajudando-me de livros velhos, querendo, a todo transe, ligar o presente ao passado, — o presente que é D. Olivia e o S. Paulo de hoje, ao passado que é nosso S. Vicente de 1533 — puz-me a reconstituir, com paciencia, de geração em geração, a longa estrada retrospectiva que me levava ás origens ancestraes de nossa promotora de conferencias. E nesta pesquisa de nomes avoengos, nesta ascenção ás fontes primarias de uma raça, nesta visita mysteriosa aos lares d'antanho, fechados e esquecidos ha tanto tempo, foram innumeradas as maravilhas que pude descobrir. Ao termo da linda excursão, durante a qual fui parando, embevecido, a cada marco da estrada, dilatei o olhar pela paisagem descortinada. Deparou-se-me então, alli, como bem podeis imaginar, o grupo dos ancestres pioneiros. Lá estavam elles, presentes e vivos. Sim, todos elles, no afan de construir uma patria. E a verdade bem simples, minhas senhoras, é que D. Olivia Guedes Penteado, a minha querida e santa D. Olivia,

quando promove commemorações aos fundadores da velha capitania, suppondo, de certo, que seu desvelo pelo passado brasileiro seja apenas o effeito de seu pendor para as indagações historicas, está sobretudo obedecendo, inconsciente e irresistivelmente, ao sentimento simples de uma simples piedade filial.

Lá estão elles, os ascendentes heroicos de D. Olivia! Ao lado de Martim Affonso, a pisar o convez da nau conquistadora, lá estão elles. Depois, lá estão elles a cantar em terra a primeira cruz, a içar o pendão alviçareiro no tôpo do fortim improvisado, a aprumar no solo os esteios do primeiro rancho, a colmar o primeiro tecto.

Lá estão ainda, um pouco mais tarde, a conquistar a terra, a derramar-se pelos campos, a tomar posse de suas glebas com lavouras e construcções. Lá estão, a galgar a serra e a extender seu dominio sobre os sertões do planalto.

Ah, meus amigos, que iluminação para meu espirito a descoberta d'esses nomes esquecidos! Como tudo se aclara, como tudo se explica! A filha de hoje é apenas uma boa filha que se recorda sem saber; e volvida, instinctivamente, para o passado augusto de que ella propria emana, com a reverencia de quem se inclina sobre um tumulo querido e a uncção de quem junta as mãos para rezar, lembra-se, medita e agradece.

*

E que formosa a lista d'esses antepassados, coevos do grande Capitão-Mór.

Quereis que os nomes brotem agora de meus labios? Eil-os, de entre mais outros, que calarei, por não revelar-vos todos. Antonio Vaz Guedes, Ruy Pinto, Pero Leme,

Gaspar Guedes, Estevão Ribeiro Bayão Parente, Antonio Rodrigues, Braz Cubas, João Ramalho, Domingos Fernandes, Braz Esteves Leme, Salvador Pires, Jorge Ferreira, Joanne Annes Sobrinho, Henrique da Cunha, Belchior de Souza Louzada, Balthazar de Moraes D'Antas, Pedro Affonso, Diogo de Unhatte, Antonio Bicudo, Garcia Rodrigues, Pedro Vicente, Antonio de Oliveira, Antonio Proença, Francisco Martins Bonilha, Domingos da Maia, Pero Dias, Lopo Dias, Manoel Giraldo, Jorge Moreira, Pedro Collaço, Gaspar Fernandes, Antonio de Alvarenga, João Maciel, Bartholomeu Fernandes, Gonçalo Camacho, Domingos Luiz, o carvoeiro, Antonio Rodrigues de Almeida, João Pires Cubas, Domingos Luiz Grou, Gonçalo Nunes Cubas, João Missel Gigante, Henrique da Cunha Gago, Balthazar Fernandes, Braz Teves, Paschoal Leite Furtado, Balthazar de Godoy

Nomes bem simples, não é verdade? Tão humanos, tão naturaes em sua sonoridade brasileira! Mal podeis avaliar o prazer com que os fui encontrar, atraz dos seculos mortos, entre as cinzas e os escombros do longinquo passado de São Paulo.

Mas não me quero esquecer de citar, entre elles, o do nosso generoso Tibiriçá, cacique alcaide dos campos e patrono de Piratininga, nem tão pouco o do maritimo Piqueroby, morubichaba das praias, que mantinha com rispida virilidade, seu posto de maioral de Hururahy; ambos figuras sobranceiras na historia da Capitania.

E nesta ordem de evocações, como relegar ao esquecimento as filhas da floresta? Seria sobremaneira desrespeitoso excluir d'este ról de ancestres aquella intrepida Bartira, de ineffavel abnegação, cuja virgindade agreste inspirou os anhelos de João Ramalho, assim como a silenciosa Terebê, dona sem partilha dos pensamentos de Pedro Dias, — progenitoras christans e veneraveis, tanto uma como outra, de uma raça predestinada...

Mas de todos os vultos que se movem naquella paisagem reconstituída, prende-me sobretudo a attenção o de um mancebo alemtejano, ardente, corado, e vivo. E' o João, o Joãosinho de Olivença, que fôra companheiro d'armas de Martim Affonso na campanha de Fuenterrabia. Eil-o com sua camisa entreaberta, a transbordar de um gibão de couro. Vede-o, com sua espada á cinta e seus ares de gardingo autoritario. Entretanto, já vae descalço pela praia, para se affazer aos novos costumes da terra selvagem. Sim, é elle, sobretudo, que me seduz. João do Prado de Olivença! Pobre nome ignorado, que quasi ninguem mais conhece. Não vos posso dizer o encantamento que experimentei ao proferil-o pela primeira vez, a emoção com que o fiz evolar-se de entre todos os demais nomes olvidados d'aquelle tempo, depois de tantos seculos em que elle nunca mais, nunca mais foi pronunciado.

E com que enlevo o repito agora, sentindo nelle, minhas senhoras, a expressão d'essa força fecunda, d'essa bondade optimista, d'essa coragem util, d'essa audacia modesta, d'esse entusiasmo, d'esse ardor, d'essa saúde d'alma, d'essa ancia de avançar e emprehender, d'essa incapacidade de esmorecer e recuar, que, propagados de geração em geração, foram sempre os attributos lidimos dos paulistas e esplendem, reunidos, neste authenticó exemplar da raça que é D. Olivia.

Nada d'isso é fabula. Pensaveis também, como eu a principio, que nesta idéa de conferencias votivas, não encontrara D. Olivia, mais do que um pretexto para algumas agradaveis reuniões intellectuaes e mundanas. Ella mesmo o suppunha, quem sabe. Entretanto, o que ella fez, sem medir a transcendente importancia de seu acto, foi obedecer ao imperativo do sangue. O que ella fez, instinctiva e inspirada, movida pelo sub-consciente a

que me referia ha pouco, foi attender á voz longinqua da raça ancestral que lhe murmurava ao ouvido : “Fala de nós neste São Paulo grande ! Fala um pouco de nós, que te demos a vida !. Não nos deixes morrer inteiramente, já que és nossa filha. Vê como estamos abandonados neste silencio do tumulo. Fala de nós, que jazemos tão esquecidos, tão ignorados, depois de ter cumprido, com tantos males, com tantas penas, nosso pobre dever sobre a terra !”

Não estou a inventar, minhas senhoras. Este appello que se exhalava dos labios mortos, esta supplica magoada, em que se encerra um pedido de soccorro, vindo de longe, do fundo do passado vicentino, quem os ouviu foi D. Olivia.

Ouviu-os porque tinha, como ninguem, por todos os globulos de sangue que lhe correm nas veias, o direito de ouvir-os.

Piedade filial ! Que nobre e respeitavel, a piedade desta paulista, filha dos primeiros paulistas, querendo que se evoque em sua casa os quadros d’antanho !

Ella deliberou que trouxessemos um pouco, para nossa convivencia, nesta casa intima, em horas de conchego familiar, os que outr’ora, entre miserias inauditas e esperanças magnificas, viveram e construíram, para fazer de nós o que hoje somos. E decidiu assim que todos, em seu lar amigo, abrindo-lhes nossos corações, cercassemos, emfim, de um pouco de affecto e de um pouco de attenção, esses que foram rudes, asperos e impavidos ; agradecimento tardio por tudo quanto nos legaram e tudo quanto temos neste São Paulo moderno, orgulhoso, lascivo. e desmemoriado.

Não é admissível que o olvido em que jaziam continue a ser a paga injusta de seu heroísmo e de seus soffrimentos.

D. Olivia acudiu pressurosa ao chamamento do sangue atavico. Os queridos fantasmas exsurgem da sombra. Desde agora, eil-os redivivos na saudade que nos despertam.

*

Alongo a vista para o passado e recomponho sem esforço o quadro em que evoluem.

Lá está o sangue de D. Olivia entre os protagonistas da grande epopéa.

Olhae vós mesmos. E vêde mover-se no chão da patria recém-nascida, o fidalguinho pobretão, trazido como nosso Martim Affonso, na caravella gloriosa. Porque, já vos disse, é este João de Olivença que sobretudo me encanta. Elle é joven e robusto, aventureiro e confiante. Contemplo-o desde o momento em que saltou afoitamente em terra. Rijo, alegre, falando com timbre quente, em seu sotaque de alemtejano, admirando-se de tudo, repleto de sua curiosidade insaciavel. Dizem as chronicas que seu nome era João, mas que tinha por alcunha "o gardingo" Era o gardingo de Olivença, nascido no Alemtejo mas criado em Bragança ao lado de Martim Affonso. Observo seus gestos e maneiras. Eil-o em suas primeiras correrias pelos bosques e montanhas, contente de tudo, ambicioso de vida, farto de ser marujo.

Vêde-o. Lá está elle a collaborar com os colonos improvisados, assiduo em ser util, associado a todos e a cada um, na faina constructiva do pequeno enxame po-

voador. Toma parte em tudo, acudindo a quem o chame. Consolador e prestativo, multiplica-se em idéas e expedientes, animado elle proprio por esse maravilhoso poder de acção com que sua descendente de hoje embelleza e vivifica as cousas de que se abeira.

Acompanhae os passos do Joãosinho optimista ! Lá está elle, ajudando a bater as taipas, a erguer a igreja, a construir o pelourinho, a organizar o primeiro engenho de assucar.

Consolador e inspirado ! Simples, pratico e idealista. Humano e forte. Trabalhando um pouco para si e muito para os outros, o "gardingo" dá o exemplo da vida, incentiva a coragem, insufla a esperança e protege.

Admirae-o em todos os seus gestos habituaes.

Lá está elle, faceiro e caprichoso, pintando de tinta fresca as janellas de sua choupana, garrindo de trepadeiras a cerca de seu quintalejo.

Parece rude e atrevido. Mas tambem o vejo pensativo é absorto. Sentimental, ás vezes. E como deixar de sel-o, com seu coração de campeador lusitano?.. Sensual, sem duvida, eil-o, nas horas de aventura, a atropelar pelas moitas, ás indiasinhas gostosas.

Já se esqueceu de sua estirpe alemtejana, para acceitar com varonil decisão, sem queixas e sem saudade, o destino de ser brasileiro. Simples, afavel, modesto, mas, por isso mesmo, captivante e dominador, lá está elle, na terra virgem de São Vicente, no mundo novo que se entreabre, na vida que se improvisa, a tomar conta das cousas, a irradiar força, a preparar o futuro !

Entretanto... quem se lembra do “gardingo de Olivença”?

*

D. Olivia ouviu seu appello, atravez dos seculos.

E para que os dias d’outrora revivessem um pouco, para que emergisse da treva a era morta, e perpassassem a nossos olhos as paisagens em que se moveram os augustos fundadores de nossa patria ; para que nos voltassem por um momento ao espirito, no ambiente antigo, as armas e os varões, os feitos e as palavras, os sonhos e as esperanças de quatro seculos atraz, já tivemos nesta sala, a palavra evocadora e ardente de Ricardo Severo, a licção arguta e edificante de Affonso Taunay.

Não podia, de facto, D. Olivia, para o fim que se propunha, ter conseguido nem mais nem melhor.

Hoje, entretanto.

Depois dos mestres, ter que falar eu !

Mas D. Olivia ordenou.

Felizmente para vós, meus amigos, não se encerrará com minha oração a série das conferencias affonsinas. Afim de que sejaes soberbamente indemnizados por este dissabor de me aturar, ides ter o gaudio de ouvir, dentro de poucos dias, nesta mesma sala, o que nos vae ensinar sobre cousas de nosso querido São Paulo, nosso querido Guilherme de Almeida.

*

Mas hoje sou eu. Tende paciencia !

Eu quizera dizer-vos, repleto infelizmente d'este pessimismo, que é o fundo de meu espirito, a verdade sobre Martim Affonso. Um pouco, apenas, da verdade, mas. de uma verdade que fosse apenas a verdade.

Estaes scepticos, não? E com justo motivo, meus caros senhores, pois a verdade na historia — que burla! — quem jamais a conseguiu?

Afastemos, de inicio, a que consta dos relatos officiaes, por natureza tendenciosos, e, em seguida, repudiemos a que se propaga na tradição, sempre deturpadora e mythogenica.

A historia, a propria Historia, com H maiusculo, essa grande julgadora serena e justa, — pela fé muito relativa que nos merece. ponhamol-a de quarentena.

Que nos resta então? Ah! meus senhores, si ninguem pousará nunca os olhos sobre a realidade objectiva das cousas, que razões teremos nós de crer mais na historia do que na lenda, mais na vida do que na ficção?

Por ter medo das mentiras, desconfiei sempre, instinctivamente, da verdade fabricada pelos fazedores de textos. E já que recuso, como insufficiente, a força probante que nos dá a illusão de residir na apparencia do proprio mundo palpavel, bem natural é que lobrigue uma eiva insanavel de suspeição nas narrativas de factos mal authenticados, por mais que forcejem os chronistas sinceros e os historiadores imparciaes em qualifical-os de veridicos e confirmados.

“A justiça de Deuz na voz da Historia!”, balbuciava nosso grande Pedro II, alentado ainda, nas vespervas da morte, por sua esperança de homem sem culpa.

Mas era um engano de seu nobre espirito. O que existe na voz da historia, não é a justiça divina, que se-

ria perfeita e absoluta, mas tão somente a dos homens, que é interessada e artificiosa.

Oh, sim, minhas senhoras e meus senhores, os ares-tos da historia são todos suspeitos e todos discutiveis, pois que promanam inevitavelmente de tribunaes ini-doneos.

Os contadores de historia, por mais honestos que se presumam, têm sempre que attender a conveniencias es-consas. Interesses, sei lá !. Quer sejam estes o presti-gio de uma causa patriotica, quer uma simples vaidade inferior. O capitão que ganhou batalhas necessita de adoptar, como certas, as narrativas que contribuam para sua gloria ; o homem de Estado arrazoa em favor de seu partido ; o relator de encommenda adula seu protector ; o demagogo ambicioso corteja a opinião publica ; o di-dacta submete-se ás theses decretadas ; o rhapsodo, crea-dor como a natureza, ; a obsessão de ferir a imaginação das turbas, inventa ; o novellista, por definição sequioso de pit-toresco, enfeita a realidade ; o jornalista tem o problema do tostão, e quer vender. Todos disputam premios e suf-fragios. Todos advogam e rabulejam. O povo, coitado, acceita, de entre as verdades falsificadas, que assim lhe offerecem, as que mais condizem, em cada occasião, com suas tendencias e seu temperamento.

Mas não haverá tambem, perguntemos, ao lado d'es-ses manipuladores da verdade, os historiadores incorru-ptiveis, os cientistas authenticos, os philosophos puros, dominados pela unica preocupação da pesquisa positiva ? Não haverá o narrador sem paixão nem preconceitos, que, sobranceiro ás contingencias e fraquezas vulgares, possa julgar, como juiz, os factos e os homens ? Eu vos direi que não, meus senhores. Não creio que possa existir o historiador isento de parcialidade, por isso que não pode

haver um homem extreme de fraqueza humana. O mais puro de entre elles, o mais severo e honesto, este mesmo fará historia, *no minimo*, para defender uma doutrina e uma convicção. Elle se tem, por certo, na conta de desapaixonado, livre de preferencias e rancores ; e entretanto, por um pendor irresistivel e secreto, que elle proprio não saberia analysar, esse justiceiro impeccavel, sujeitará os factos da historia a um trabalho de adaptação, afim de que venham a ser como elle os enxerga, fal-os-á cedem a sua vontade, constituirem-se em exemplos demonstrativos da these adoptada, e, postos assim ao serviço de seu raciocinio, transformarem-se, de factos que eram, em simples provas do que elle deseja e resolveu provar.

Pobre realidade ! Onde está ella ?

Mas si assim é, si a historia não é mais do que a interpretação tendenciosa dos factos, si o historiador, por necessidade ineluctavel de sua natureza humana, é um juiz que prevarica. Nossa Senhora ! em que vae ficar, afinal, o caso de Martim Affonso ?

*

Deixae, porém, que eu tambem insista na demonstração de minha these.

Bem vêdes que as chamadas verdades historicas derivam de fontes suspeitas, propaladas, sempre, sob a inspiração de idéas preconcebidas. Pode-se affirmar sem reboços que a historia é o instrumento que os homens manobram a serviço de seus desejos e appetites, quer individuaes, quer collectivos. Vence, ao fim de algum tem-

po, como absoluta e insophismavel, a *verdade* que serve ao interesse mais forte. Depois que vence por essa forma, a *verdade* se transmuda em dogma, em artigo de fé, em axioma, em postulado intangivel, em conquista derradeira, em crystallisação definitiva. Ah, meus senhores, quando a verdade historica chega a ser todas essas cousas terrificantes, só nos cabe dizer: “Tabú”! Respeito! *N’y touchez pas*, como advertia pomposamente Tartarin de Tarrascon, posto em contemplação ante suas flechas envenenadas.

Entretanto, quando a verdade chega a ser tudo isso. é que ella menos se parece com a verdade, pois que passa a ser uma convenção.

Para as figuras como para os factos da historia, ha uma série innumeravel de verdades convencionaes. Sim, é o termo. Verdades convencionaes, d’essas que se incrustaram nos espiritos como principios consagrados, questões resolvidas, materia vencida, saldo de contas liquidas e certas, cousas que se catalogam e archivam e sobre as quaes está encerrado o debate. Ah, si pudessemos saber!. Que longe estariam da verdade, todas essas verdades!

Ha uma verdade convencional sobre as figuras de Nero, de Torquemada e de Napoleão I; e tambem sobre as do Lopes do Paraguay, e do nosso Tiradentes de São José d’El-Rey; e ainda sobre a do José Bonifacio da praça do Patriarcha (o tal logradouro que, por signal, esteve ultimamente por um triz a mudar de nome).

Ha uma verdade, forjada á força, sobre cada rei, sobre cada histrião, sobre cada general, sobre cada bandido.

No relato das grandes guerras como dos grandes movimentos sociaes, houve sempre, de um lado, a verdade

dos vencidos e, do outro, a dos vencedores. Ambas convencionaes. A primeira, coitadinha, pouco vale. Não está certa, não pode ser tomada a sério. E' uma pobre verdade mambembe e desmoralizada, que acaba por estrebuchar e desaparecer si os que a sustentam persistem na desagradavel situação de quem quer e não pode. Mas si um dia, por ventura, lhes permittem os fados que serrem de cima, ah, que desforra ! Invertem-se as posições e os valores se transmudam. A theoria malsinada, a causa infeliz, a credice desfructavel, mal apregoada outr'ora entre apupos e achincalhes, apruma-se de subito, e tomando foros, por sua vez, de these official, resplandece como a luz solar, invadindo dominadoramente as consciencias. E a outra, meus senhores, a inconcussa verdade de outr'ora, sem embargo de seus antigos titulos de realeza, tomba, murcha e vencida, como um pendão que se abate. D'oravante será uma cousa decahida. Relegada ao desprezo e ao abandono, só contará pregoeiros no rôl ridiculo dos malucos e dos despeitados.

Sic transit gloria mundi.

*

Assim andou sempre a verdade historica, atravez dos tempos.

Dir-me-eis talvez que exaggero. E eu vos direi que não. No fundo, bem sabeis que estou certo.

Não ha verdades na historia.

Persas e gregos, romanos e carthaginezes, gôdos e sarracenos, hunos e celtas, brancos e pretos, russos e japões, monarchicos e republicanos, burguezes e trabalhistas, tenentes e gauchos, qual d'elles descreveu as cou-

sas, taes como se passaram? E quem as descreverá jamais com espirito objectivo?

Nos velhos tempos da monarchia franceza, faziam-se livros especiaes para ministrar ensinamentos historicos ao filho do rei — *ad usum Delphini* — e outros para a instrucção geral do povo — *ad usum plebis*. — Entre a verdade, contada, por conveniencia politica e de modo diverso, nuns e noutros, onde estaria a verdadeira verdade?

Existe, sobre a guerra de Troia, uma série de verdades convencionaes contadas por Homero. Que aspecto assumiriam essas verdades si seu relator tivesse sido algum filho de Priamo, porventura poeta e chronista?

Como dizer-vos, meus senhores, o que se passa no Brazil em materia de historia?

Existe por ahi, em nossa desconcertante literatura didactica (vejo professores em torno a mim que poderão confirmar minha asserção), existe por ahi, profusamente espalhadas nas escolas e nas casas de familia, um sem numero de noções estapafurdias sobre os Deodoro, os Floriano, os Pedro I, os Feijó, os Calabar, os Mauricio de Nassau, os João Pessôa, os Patrocínio, os Antonio Conselheiro, os Ruy Barbosa, os Pinheiro Machado, os Lamepões e outros Caramurús, isto é, figuras semi-lendarias de nossa historia.

Vão se creando, aos poucos, as convenções que mais se coadunem com os interesses do momento ou melhor se ajustem ás idéas da epocha.

Perguntae a uma professora de escola complementar, a um lente de gymnasio official, a um menino de collegio, a um deputado em propaganda eleitoral, a um orador de comicios civicos, sobre os vultos e successos da historia patria. Todos vos responderão com as opições do nosso tempo, feitas para uso de nosso povo e de nossa geração.

Perguntae-lhes quem foi José Bonifacio e responderão que foi o patriarcha da independencia. Perguntae-lhes quem foi Tiradentes e dirão que foi o heroico precursor da Republica.

Si os deixardes discorrer, dirão cem mil cousas. Dirão que nossa patria passou por tres phases: a do Brazil colonia, a do Brazil imperio e a do Brazil republica. E estarão seguros de propalarem a verdade. Sem titubear, accrescentarão que a primeira phase foi a da espoliação de nosso paiz magnificante e uberrimo pelo cobiçoso Portugal; que a segunda se caracterizou pelo carrancismo de suas instituições retrogradadas e que a terceira se define como a do triumpho da democracia em nosso torrão abençoado. Com dizerem tudo isso, terão a tranquillã presumpção de sustentarem doutrina definitiva, theses para todo sempre assentes e inatacaveis.

Si quizerdes indagar sobre Philippe dos Santos, hão de vos informar que foi o martyr da independencia. Si inquirirdes sobre as guerras dos emboabas e dos mascates, responderão que foram, ambas, a affirmação altiva do espirito nativista contra a oppressão estrangeira.

Si pretenderdes conhecer o que valeram, outr'ora, as minas de ouro e diamantes de nosso sertão, dir-vos-ão que eram opulentas e inexauriveis. E como vos pareça extranhavel que tão minguados vestigios nos tenham ficado d'essa portentosa riqueza, tereis a immediata explicação de que todo o ouro e todas as gemmas das minas brasileiras foram brutalmente carreados pelo fisco de Portugal, tendo apenas servido para afogar em delicias incontaveis a côrte lusitana, abarrotando até o transbordamento, as arcas de D. João V, o rei devasso.

“Ah, si os algarismos pudessem falar”!. (murmura em seu ataúde o pobre rei defunto) “como seriam diferentes as noções dos homens sobre essa pobre comedia!”

Mas continue a sabbatina. Os dissertadores andam por ahi, a postos, para nos ensinar. Perguntae-lhes sobre a guerra do Paraguay. Repetirão, de um folego, tudo quanto se contém nos compendios. Os prélios grandiosos, as avançadas homericas, as victorias, a magnanimidade soberba de nossas tropas, o atrazo, a incultura, a selvageria de nossos adversarios. Tudo isso vos dirão elles. São asserções, aliás, acceitas de bom grado por todos nós, e que nem vós e nem eu pensaremos jamais em refutar. Não me posso impedir, comtudo, de quedar-me pensativo quando me lembro de que todas estas verdades são exacta e diametralmente oppostas ás outras verdades que, na terra do famoso Lopes, sobre o mesmo assumpto, se inculcam como absolutas e indiscutíveis, aos filhos de nossos queridos vizinhos.

Mas passae adeante. Tentae saber agora o que foram as jornadas de 7 de Setembro e de 15 de Novembro. Bem depressa vos responderão os mestres da materia, com palavras sabidas de cór, que a primeira foi a quebra dos grilhões (outros dirão algemas), que nos prendiam á sugadora metropole, e que a segunda foi a “integração do Brazil” (*sic*) no quadro glorioso das nações civilizadas.

Tudo tão claro, não é verdade?, tudo tão completo, tão definitivo, na lição que os ensinadores nos ministram!

*

Que formosa ingenuidade, a dos que com ella se contentam!

Dormem tranquillos, com a consciencia de conhecerem a ultima palavra sobre a vida e sobre os destinos humanos. Bemaventurados!

Mas vós que tendes o espirito de analyse, dizei-me si me fallece razão quando vos declaro que os historio-graphos, em todos os paizes do mundo, são dansarinos. que “dansam conforme a musica”

Sim, meus senhores, a historia, tanto como o champagne, os automoveis e as fitas de cinema, é, por assim dizer, uma mercadoria que se fabrica para attender ao gosto da freguezia.

Amontoemos os exemplos. Ouvi contar que se feriu ultimamente, em determinado paiz, uma batalha portentosa, a que as más linguas deram o nome de Itarará. Consta-me que se está hoje a compôr, em determinada capital, para ornamentação de determinado palacio, um grande, immenso quadro a oleo, tendo por objecto a representação completa d’esse prelio sangrento. E’ uma gigantesca oleographia, meus senhores, onde se figuram, de um lado, as linhas multicôres de regimentos interminos, em ordem de ataque descoberto, e de outro, em avalanches, esquadrões vertiginosos de cavallaria. Dou-vos a descripção fiel do quadro. Ao fundo, florestas de baionetas, entre incendios sinistros ; ao centro, baterias pesadas e não pesadas, em acção ardente, envolvidas de clarões rubros e fumaradas negras. Por toda parte, no vasto campo focalizado pelo pintor realista, a confusão das machinas de guerra e das armas em choque !. Mas a parte principal do quadro é a grande figura central que o domina. Quem não sentirá calafrios ao fital-a? Representa o chefe. Bem na frente, segundo o reclama a logica das cousas, em primeiro plano, em primeira linha, magestoso, altivo, erecto, ainda que de fórmias um tanto arredondadas, fardado da cabeça aos pés, general como ninguem, mais gordo um pouco do que Cesar, mais risonho um pouco do que Annibal, mais baixinho um pouco do que Napoleão, mas illuminado e flammivo-

no, irradiando heroismo, transbordando de genio militar, — reparae, senhoras !. — é uma apparição sobranceira ante a qual os proprios horizontes se anesquinham. O grande Chefe ! Reproduzo-o de memoria, tal como ha dias m'ò descreveram. Seu gesto arrasta. Sua fronte fascina, encimada de garboso topete vertical. Sob o magnetismo de seu olhar, o ambiente se electriza. Tanta sinceridade houve em caracterisal-o, que só ao vel-o, de relance, minhas senhoras, adivinhamos nelle, immediatamente, o homem das attitudes peremptorias, o homem da palavra unica, e, sobretudo, das decisões claras. Nada de dubio na figura do rude capitão. Por isto, em torno a seu nobre vulto, fremitos de enthusiasmo sacerodem a natureza, e paira, sobre a confusão das cousas, a alma serena da victoria.

Ah, meus amigos, aquella batalha !.

Affirmaram-me que tudo, na descripção oleographica, é exacto, observado, vivido, flagrante. Asseveraram-me que é a propria vida, a propria natureza, em summa, a pura realidade das cousas, que se objectiva sob o pincel do mestre.

Entretanto, senhoras !.

Attentae no como as verdades historicas. são relativas ! Sabeis o que me declarou, ainda hoje de manhã, um chronista de minhas relações ? Chronista aliás famoso, com nome de jurista e sociologo, celebrisado nas rodas intellectuaes do Rio de Janeiro e da Bahia. Pois esse caro doutrinador, quando o interpellei sobre o que pensava da grande “batalha de Itarari”, que o genio realista do pintor evocara com tanta emoção, respondeu-me seccamente que d'aquella batalha não estava disposto a falar-me. E sabeis porque ? Porque não costumava dar opinião sobre cousas que nunca tinham existido.

Bem podeis imaginar a perplexidade em que me deixaram suas palavras.

Não houve batalha? Mas então? .

Em quem crer, meus senhores? No penetrante sociologo ou no pintor realista?

E' um problema que, com prazer, vos deixo o encargo de resolver.

*

Mas, por todas essas duvidas, bem acertado andei eu quando, de inicio, ao ter que dissertar sobre Martim Affonso, declarei desabusadamente a D. Olivia, que não confio muito no que se propala por ahi sobre os geitos e a figura do glorioso capitão.

E bem avisado, tambem, quando escolhi o thema de minha conferencia.

Já que me preocupo muito mais com a verdade do que com a historia, justo era que hoje, ao falar-vos de Martim Affonso, me propuzesse a tratar, precisamente, d'aquillo de que a historia nada nos diz.

Não pretendo portanto fazer-vos a chronica do extranho navegador sybarita e fidalgo. Não vos quero relatar a carreira, algo epicurista, do "muy magnifico senhor", a que se refere, com tantos encomios, D. João III; nem os episodios que a assignalaram, nem as aneddotas que a enriqueceram.

O de que desejaria entreter-vos, minhas senhoras, seria de um Martim Affonso intimo, de um Martim Affonso que ninguem retratou ainda, visto em seu proprio individuo, no recesso inviolado de seu mundo subjectivo.

Quem jamais o descreveu assim? Creio que ninguém. E quem o conhece por tal fórma, ao ponto de poder descrevel-o sob aspecto tão particular? Direis que nem vós, nem eu.

Acceito a resposta como plausivel. E entretanto, é só d'este Martim Affonso intimo, que estou a cogitar.

Não é que me falleçam elementos para vos narrar a vida conhecida e tantas vezes descripta, do aristocratico aventureiro.

Eu tambem li, meus amigos. Eu tambem, outr'ora, frequentei archivos, museus e bibliothecas. No tempo em que conhecia as letras, antes de entrar neste processo de analphabetisação progressiva a que a chamada "vida pratica" me condemnou, costumava, ás vezes, enveredar pela trilha luminosa dos Caspistrano, dos Frei Gaspar, dos Affonso Taunay, dos Eugenio de Castro; e ao dissertar hoje sobre Martim Affonso, poderia, pois, sem muitos tropeços, dar-vos mostras de minha erudição no que diz respeito aos aspectos externos de sua figura e á significação official de sua obra.

Começando do principio, poderia recitar-vos o que foi, por exemplo, sua vida de menino fidalgo em Villa Viçosa, os brazões que recebeu em herança do soberbo Lopo de Souza, Senhor do Prado, seu progenitor. Poderia, alludir a seus namoros de adolescente com a linda Beatriz do Castello do Outeiro; e em seguida commentar com espirito anecdotico, suas famosas caçadas de cervos e javalis nas tapadas de Bragança, em companhia dos poderosos duques da terra. Poderia referir-vos sua intimidade com o infante D. João, em tempos de D. Manuel o Venturoso, e mais tarde, as proezas de nobre galanteria, até hoje mal contadas, que o ardoroso cavalleiro praticava, simultaneamente, dando mostras assim de um nota-

vel espirito de equilibrio, com duas condescendentes damas de honra da rainha D. Leonor.

Poderia dar-vos conta do que foi, logo após, sua vida intellectual em Salamanca, explicando-vos tambem de como eram feitos alli, nessas eras do renascimento hespanhol, os estudos de philosophia, de canones, de cosmographia e mesmo de artes nauticas. Dar-vos-ia assim a razão do subido gráu de cultura que attingiu nosso gentilhomem, naquelle ambiente de elite em que se aprimoravam para as lides intellectuaes, os mais finos espiritos de Castella e Portugal.

Nem tão pouco me seria difficil, nesta successão de factos, enumerar-vos ainda, a par de seus estudos, suas correrias romanticas pela terra dos balcões e guitarradas, proezas estas cujo cyclo se encerrou de modo dignificante, nos episodios de seu casamento de verdade (depois de tantos outros de mentira), com a joven D. Anna, herdeira dos Maldonados, de Castella.

Que me custaria tambem relatar-vos suas façanhas de soldado, nas fileiras do grande Carlos V, a combater hostes francezas pelas margens do Bidassôa, para assedio e conquista da cobiçada Fuenterrabia, nucleo de brilhantes contrabandistas, já illustre naquelle tempo, assim como hoje, por "sus famosas pastelarias"

Mas de nada d'isso vos quero entreter, pois que de tudo estaes tão informados como eu e já que não é de factos nem de episodios que vos prometti compor esta conferencia.

*

Si tal fosse meu proposito, poderia fazer-vos uma prelecção completa sobre a expedição de Martim Affonso

ás plagas de São Vicente, dizendo-vos o que foi, dia por dia, aquella memoravel jornada, de que encontramos noticia tão circumstanciada na “Historia da Colonisação Portuguesa” e melhor ainda, na exegese argutissima com que o nosso capitão Eugenio de Castro, aqui presente, interpretou o “Diario de Navegação”, de Pero Lopes de Souza.

Fiado na erudição de chronistas innumerous, reeditaria, assim, paginas e paginas da viagem celebre.

Haveria de vos mostrar o grande capitão-mór, desde a hora em que galgou pela primeira vez o convez da nau capitanea. Depois, emquanto a armada, já em pleno oceano, talhava derrota para seus destinos gloriosos, iria desenha-lo, debruçado á amurada, fitando attentamente por entre a bruma e a salsugem, os demais navios da sua pequena esquadra, tocados pelo vento. Seguindo-lhe o esteiro de perto, lá vinha o grosso galeão “São Vicente”, com seu castello alteroso, suas duas cobertas, seus costados robustos, artilhados com doze peças. Pouco atraz, a náu “São Miguel”, bojuda egualmente, trazendo enormes paiões atulhados de polvora para bas-tecimento profuso de sua imponente alcáçova de bom-bardeiros, e dominada ao centro por tres mastros de altura quasi desmedida. Bonita nau esta, com seu beque de prôa muito arrebitado, parecendo querer voar sob o empuxo da vela do gुरुpez. Além, num velejar airoso, deslisam as pequenas caravellas “Rosa” e “Princeza” Corridas de convez e armadas á latina, rebolando nas ondas em que apenas calam, dão-nos, de tão leves, a impressão de equilibrarem a custo o grande mastro do centro e sua immensa vela panda, sobre o casco mesquinho, de minguados sessenta toneis.

Mas de que vos servem, todos esses pormenores?

E' evidente que eu poderia tambem, si isto fosse um relatorio, contar-vos os gestos e palavras de nosso capitão, quando em peleja aturada, pelas alturas de Pernambuco, deu caça ás naus corsarias dos francezes. Seria interessante então represental-o em todas as attitudes condizentes com a situação. Ora no castello d'avante a commandar a manobra da enxarcia, gritando ao gageiro, que se encolhe em sua cesta etherea, encorajando os arcabuzeiros que se dependuram pelos calabres; ora na tolda de ré, sobre o chapitéo alçado, vigiando, por si mesmo, a direcção do leme e os rumos para a abordagem imminente. Logo após, pelos costados do barco, eil-o a instruir, com ordens rispidas, os artilheiros em acção, correndo em seguida ás escotilhas para vociferar com os calafates suarentos que trazem dos paiões a munição de guerra. Já está elle a inspeccionar o abundante material: as tinas de breu, os fogareiros para o incandescimento dos projectis incendiarios, os pedrouços de calibre vario com que se carregam os morteiros, as esferas de aço e bronze com que se armam as grandes peças de artilharia.

Poderia gabar-vos a mestria com que dispoz as xaretas protectoras e com que arrumou, em theorias, meticolosamente, os arpéus de abordagem. Descrevendo-o, por fim, no lance culminante da refrega, ser-me-ia facil completar a descripção, referindo-vos a maneira soberba com que juntou em torno a si seus soldados de melhor valia para o ataque supremo. Cumpria, sem mais delongas, capturar a capitanea inimiga. Impunha-se a investida a arma branca e o combate corpo a corpo. Martim Affonso distribuiu, de mão propria, lanças e machados aos soldados e marujos da equipagem. E á frente de seu troço guerreiro, sem vacillações, masculino, senhor de seus gestos, gritando serenamente instrucções incisivas aos tai-

feiros, aos cabos de ronda, aos capitães e pilotos, insensível ao reboar do canhoneio, desdenhoso da fusilaria que silvava das gaveas, altivo e quasi escarninho entre as pragas da marinhagem, apontou os flancos da nau adversaria que se chocava aos da sua, e deu, num só brado imperativo, a ordem heroica do assalto.

Que immensa copia de pormenores deveria fornecervos, si me quizesse enredar pelos caminhos insidiosos da narrativa épica !

O transbordo das turmas de assalto. A arremetida a peito descoberto. O primeiro choque. O avanço. O emaranhamento das armas, os lançãos, as degolas, os destripamentos. A resistencia encarniçada dos contrarios. O avanço. Os derrames de breu ardente sobre os assaltantes. O avanço. As arcabuzadas a queima roupa, o baquear dos corpos, as maldições, os brados de agonia. O avanço !

E, depois, o apresamento do capitão francez. E, depois, a rendição dos corsarios. E, por fim, a victoria de Martim Affonso.

Na hypothese de que taes versões fossem veridicas, que lindas seriam, não é verdade ?

Pois tudo isto, e mil outras cousas, poderia eu servir-vos, como pratos de sabor picante, entre a mesa de doces que vos offerece D. Olivia, si a mim mesmo me satisfizessem essas iguarias historicas. Sim,. digamos historicas.

*

Ou, então, desprezando os episodios a que acabei de fazer menção, ser-me-ia licito não silenciar sobre os da chegada de Martim Affonso a São Vicente. E, nesse

caso, discutindo com Frei Gaspar da Madre de Deus, viria a proposito ventilar, entre outras cousas, a velha questão de saber si a entrada das naus se deu pela Bertiooga, pelo canal do centro ou pela propria barra de São Vicente. Nem mais complicado, tão pouco, seria fazer-vos a chronica da primeira descida dos portuguezes á terra, a edificação precipitada do fortim de páu roliço, a escolha do ponto para o primeiro altar, em pleno campo. Sem necessidade de muitas palavras, iria dar-vos minucias sobre as maneiras por que se montou a veneravel feitoria, assignalada, desde as primeiras éras, por sua egreja de taipa coberta de palhagem, sua cadeia barreada e seu pelourinho de pedra e madeira. Bem pouco faltaria, depois de tanta digressão, para que vos contasse, tambem, por meudo, a sofreguidão com que os homens de Martim Affonso se alargaram em torno ao nucleo de colonisação, abrindo clareiras e arroteando o chão para o apossamento das glebas concedidas, avidos, como todos os homens, de dominio e de conquista.

*

Mas não, minhas senhoras ! Abstenhamo-nos, por completo, de nos embrenhar no cipoal da historia. Que escopo teriam taes dissertações? Nenhum. Ao cabo de tudo quanto assim vos dissesse, estarieis com o direito de me perguntar: “Mas afinal de contas, quem foi Martim Affonso?” E eu, de minha parte, forçado a confessar-vos que não teria sequer abordado o assumpto de minha conferencia.

*

Por isso, nem uma unica syllaba me escapará dos labios, sobre as questões a que vindes alludindo.

*

Quem foi, ao certo, Martim Affonso? Eis apenas o que importa. Atravez das passagens officiaes de sua vida grandiosa, que foi elle em si mesmo? Porque metteu-se a ser capitão e conquistador? Que pensamentos o norteavam, que sentido deu a sua obra? E elle, que foi o fundador de nossa patria luzo-brazileira, com que olhos viu e julgou o Brazil?

Nem a mais nada nos cumpre responder, já que só nos interessa perscrutar a verdade.

Martim Affonso intimo! Para enxergal-o do fundo de meu espirito, neste esforço de interpretar sua existencia, tento agora recompôr, olhos fitos no passado, a unica scena de sua vida, de cuja authenticidade posso dar-vos garantia.

E' a mais real, sendo melhor do que verdadeira, verosimil.

*

Martim Affonso vae regressar. E' a tarde de 3 de Março de 1533. Martim Affonso, em sua caravella, uma das derradeiras que ainda lhe restam, depois de tão aturadas campanhas, alonga a vista para as terras de São Vicente. Rematara-se alli sua missão de colonizador. Cumpre-lhe attender agora a um recente chamado d'El-Rei, que o quer destacar para novas empresas.

Mas, para o Capitão-Mór, o que importa, sobretudo, é regressar.

No dia seguinte, logo ao romper do sol, a triste frota fatigada se ha de fazer ao largo. Para sempre, quem sabe, afasta-se de seus dominios brasileiros, o Donatario Magnifico.

Alli estava, na orla da praia, entre a beirada das ondas e a fimbria da floresta, o povoado heroico. Cem homens brancos, ao todo, o occupam; subditos, mais de Martim Affonso do que do rei.

Um tédio enorme empolga o donatario. E' Março, mas o noroeste ainda amollenta a natureza. Tudo, dentro do mormaço, enche-se de oppressão. Talvez por isso, e tambem por outras causas secretas, o potentado d'aquellas interminas possessões, tem a alma repleta de fastio.

Por cima da amurada, contempla mais uma vez sua obra. Lá estão os ranchos onde a gente móra. Mais além, os pobres galpões de pau e palha que, nos primeiros registros da feitoria, já se denominavam os engenhos da villa. Em volta, as nesgas de chão lavrado. Cannaviaes mesquinhos a apontar em derredor. Martim Affonso distingue tudo da caravella ancorada. A terra está tão perto!

Mulheres núas pela praia. São indias. Aquellas que Pero Lopes, irmão do donatario, achava "muy alvas e fermosas, deixando a perder de vista as da Rua Nova de Lisboa" Martim Affonso é um pouco cynico e sorri enfiado. Vindo de longe, muito de longe, passa-lhe pelos olhos a visão das alcovas d'outr'ora. Onde estão as amantes que só se desnudam entre louçanias de camarins reaes? Entretanto, não é somente a seu irmão que se afiguram appeteciveis as filhas do gentio. Martim Affonso, durante sua permanencia na feitoria, presenciou, um sem numero de vezes, á beira dos atalhos, no desvão de cada rocha, dentro de cada moita, os hymeneus sem recato de seus

fidalgos, sedentos de amor animal, com as guayanazes de Piqueroby. Sim, que importava a lascivia eterna dos homens? A raça se perpetuaria com as indias fermosas de Pero Lopes.

Martim Affonso cogita nas consequencias futuras de sua grande empresa.

Para que destinos se encaminhava a existencia d'aquelles bons colonos, largados sósinhos, a beira-mar, com seu punhado de esperanças? Como decifrar a vida que os atirara a estes páramos selvagens?

E para que resultados finaes, aquella obstinação em conquistar, em crescer e em produzir?

Os olhos do Capitão-Mór passeiam demoradamente sobre a floresta cerrada que circumda o lagamar. Fitam depois, mais longe, a cordilheira abrupta, quasi a pique, erguida como o paredão de arrimo do planalto distante.

Eram seus, aquelles desertos inviolados. Montanhas, rios, mattas, planicies. Até que limites não se estenderiam seus dominios? Que se conteria de magnificencias, naquelles reinos mysteriosos?

O filho do renascimento, abysmado em meditação, forceja por descobrir o sentido de sua aventura. Tocado de duvida, receptivo e emocional, rememora os lances de sua arrojada campanha. Sim, para que effeitos tudo aquillo? Patenteiam-se, á vista d'olhos, no povoado praiano, os primeiros fructos da conquista consummada. Mas como pensar, sem temor, nos de amanhã? "As lavoiras de canna são escassas, mas promissoras", dissera-lhe, dias antes, Ruy Pinto, seu optimista companheiro de jornada. Mas elle, que as contempla com os olhos do espirito, enxerga-as por outra fórma. Parecem-lhe maninhas e inuteis. E ao vel-as, em sua realidade presente, não consegue inhibir-se de divisar tambem, dolorosamente, atravez dos dias futuros,

nas terras que os homens vão devassar até seus ultimos rincões, as méssees improficuas dos seculos vindouros.

Que pequena cousa, em summa, a posse de um mundo novo !

Estaria alli, por ventura, uma sufficiente recompensa para a ambição ingenua de seus marujos e soldados? Sim, para a d'elles, quem sabe, pois que eram resignados, dispostos a cumprir aqui, passivamente, sem desejos sobrehumanos, um destino modesto de crescer e procrear. Mas a elle, o chefe idealista, que se alentara de sonhos mais altos, que lhe podia dar, como galardão appetecivel, este decepcionante montão de terra?

*

Martim Affonso cumprira até o fim seu dever de soldado. Como subdito e fidalgo, fôra impeccavel. Ninguem o vira jamais tremer nem hesitar ; ninguem o ouvira queixar-se, durante sua porfiada campanha de quasi dois annos. Entretanto, nos recessos de sua alma, engrandecida pela meditação, o que só impera é a duvida, o que só viceja é o tédio.

*

A ultima tarde expirava. As sombras se alongavam das serras virgens, sobre a baixada de São Vicente, que seu senhor contemplava agora pela ultima vez.

Emquanto scismava o donatario, gritou-lhe, o gageiro, como bom agouro, que o vento se fizera de oeste.

— Meu bom senhor, alviçaras ! Havereis de abrir, logo ao sahir da barra, o panno grande e os traquetes !

O donatario não respondeu.

Alguem, neste momento, subia ao convez e chamava-o pelo nome. Era Gonçalo Monteiro, o parochio bonachão de que rezam os textos, aquelle facecioso amigo de outr'ora, protegido desde a infancia por Martim Affonso, e que, ao cabo de estudos mallogrados em Salamanca, dera subitamente de se ordenar, vestindo a sotaina dos presbyteros no mesmo dia em que nosso guerreiro, seu patrono, se engajara nos exercitos de Carlos V. Fôra bom companheiro de lucta durante todas as peripecias da jornada ao Brazil, e agora, por ultimo, assentara de permanecer na feitoria, “para feitorar as almas”

O cura vinha trazer ao generoso chefe, com muitas lagrimas, seu abraço de despedida.

— Senta-te ahi, padre, e escuta.

Gonçalo estremeceu e quedou-se attonito.

Sabe-se que Martim Affonso lhe falou longamente. Do que lhe disse, temos noticia parca, mas sobremodo elucidativa, nas proprias palavras com que mais tarde o padre, em suas memorias innocentes, registrou suas impressões daquelle dia. E' um testemunho honesto por todos os titulos, que se conserva, para gaudio dos estudiosos, nesse relato precioso, em que o bom do sacerdote desterrado, arrolando os episodios humildes de sua carreira, conta-nos serenamente “de como viera, sem merito seu, mas por obra milagrosa da Immaculada Virgem, occupar o posto de prégador, chantre e catechista na Parochia Nova de Sam Vicente”

Sabe-se, pois, que o parochio, ao regressar á terra, após sua entrevista com Martim Affonso, balbuciava orações em favor de quem, “por tão assignaladas virtudes, e com

tanto que fizera, para augmento d'El-Rey, devera merecer da fortuna muy longos annos de riqueza e descanso”

Mas vinha desgostoso com o que vira e ouvira de seu amo, tendo encontrado o Capitão conturbado em seu espirito “por muito dissabor e máus presagios”

“Assi ferido se me apresentou”, explica o sacerdote chronista, “e por tal maneira alterado em seus pensamentos, que já lhe não apraziam as dadivas d'estas novas possessões, onde, entretanto, com bem pouco trabalho, tudo será mancheias”

Muito dissabor e máus presagios. Não mentira o padre. Era, realmente, de amarguras e desalentos que se inundava a alma do Capitão-Mór.

Eu sei, minhas senhoras, eu sinto e ouço tudo quanto naquelle dia, disse Martim Affonso a seu velho compa-
nheiro. Embora não me valesse do depoimento com que meu tonsurado chronista autorisa, comprova e documenta esta narrativa de factos authenticos, ainda assim teria eu adivinhado todas as palavras d'aquelle fundador de minha patria paulista e brazileira, companheiro que sou tambem de seus sonhos e desesperanças.

A previsão das “mancheias” com que se embeveciam os olhos do capellão chantre, e com que se fartaria a cobiça dos colonos, era d'essas, ai de nós, com que se deviam desilludir para sempre as ambições do chefe.

*

“Tudo quanto fizemos, pensava elle naquella hora, não tem sentido. Eis ahi, em verdade, esta Capitania encantada sobre a qual se arremessaram os homens, na

ancia de dominar e enriquecer. Ancia escusada. Tormento inutil. Por fim, quando tudo estiver terminado, ficarão elles tão mal servidos como estavam. Tão insatisfeitos como antes. Pobres homens, que se matam por mentiras. Que almejavam, ao certo? Que vieram buscar ao desconhecido? E depois da procura insana, que especie de riquezas poderão fechar em suas mãos? Tudo, neste mundo novo, é e será sempre igual ao que os homens já tinham e sempre tiveram! Desenganos! De que lhes vale, portanto, um pouco mais de tamanho nos campos, e de viço nas searas e de grãos nos celleiros? As terras novas parecem maiores, por emquanto. Mais tarde, ficarão tão minguadas como os quintaes do Minho e tão gastas como as fragas da Estremadura”

Acredita-me, senhores, é Martim Affonso quem fala. Não faço mais aqui do que interpretar-vos o que elle, aos poucos, dentro da tarde que morria, foi desvendando ao padre confidente, com o segredo de seu espirito.

— Olha, padre, ha de ser sempre assim. Estás enxergando, alli adiante, os pioneiros que te cumpre guardar. Tão poucos não é verdade? Perdidos por entre as choupanas da villa. Parecem pequenos para a terra de que são donos. Tão poucos, julgam-se desde já senhores de bens desmedidos, ricos de um dominio infinito. Loucura. Eu vejo ao longe e descubro que, pelo contrario, elles serão demasiado numerosos para a terra escassa. Não tardará que se multipliquem. Outros homens, tambem, arribando em alcatéas, de outras praias, virão imitar o gesto d’estes aventureiros. E a humanidade incontentavel se ha de alastrar sobre o continente gasto, recobrando-o como um lichen damnhinho, um musgo assolador, uma lepra irremediavel. E então, padre, de que terá servido a esperanza de ser grande e a ancia de construir?

Nada, entretanto, poderá obstar á invasão allucinada. Aquella cordilheira que contorna as lagunas, em que os mangues esbarram e que fecha a floresta de um a outro extremo do horizonte, parece-te porventura uma barreira. Infelizmente, de nada vale e os homens não custarão a galgal-a. Vão seguir mais longe, transpondo num impeto a montanha e dominando o planalto. Mais longe, cada dia e cada hora, irão extender-se, inexoravelmente, por toda parte onde houver terras por invadir e riquezas por senhorear. Avidos e inconscientes, de tropeço em tropeço, de surto em surto, de epopéa em epopéa, victimas do destino e condemnados sem remissão, irão indo, coitados, na mesma arremetida do inicio, até a ultima linha das mais extremas fronteiras. E tudo será feito num relance. Só depois, quando não houver mais por onde avançar, verão elles que se tinham enganado. Mas tudo estará perdido. Emquanto avançam, a illusão de crescer os sustenta. Depois, não haverá nada, e será tarde para o arrependimento. Eu vejo a humanidade futura, filha d'estes fundadores de São Vicente. Ha de volver os olhos para traz, soluçando de saudade, gemendo de desconforto. Como um guerreiro exausto, que entregou as armas vencidas, como o ancião humilhado pelo canção e amortecido pela renuncia, que pende a frente resignada para o solo, a humanidade futura, nascida d'estes semeadores confiantes, será prostrada e decahida”

O padre talvez não entendesse o pensamento do Capitão-Mór. Por isso, taxou-o de insensato em suas memorias. Não lhe parecia crível que a ante-visão das grandezas futuras pudesse entristecel-o. Mas o potentado sceptico, sem suspeitar a magua causada a seu confidente, proseguia.

“Que existe, padre, nas terras de onde viemos? Desalento e penuria, desejos insatisfeitos, odios e competi-

ções infundáveis. E porque nellas nos debatíamos em vão, sem encontrarmos nem cabedades que nos bastassem, nem tranquillidade, nem equilibrio, eis-nos a conquistar os ultimos restos do mundo. Como si aqui fossemos topar o segredo da perfeição e da ventura, que sempre faltou aos homens. Mas abre teus olhos, dilata-os sobre os reinos que ahi se extendem, á nossa espera, e pensa no que são e no que virão a ser quando se tornarem, em tudo e por tudo, eguaes ao mundo onde viviamos. Dentro de quatro seculos, que haverá nesta minha capitania de São Vicente, para contentar os homens? Que haverá nella, porventura, sinão as mesmas angustias, que te afugentaram hontem de teu velho lar portuguez?”

“Vejo, em minha pobre capitania, cidades tumultuarias e campos lavrados. Lavouras, eiras, rebanhos. Por toda parte, fabricas, estaleiros, officinas. As florestas vão tombar sob o machado omnipotente. Os ultimos sertões serão profanados. Esse gentio que agora vês em connubios com teus parochianos, caçado, mais tarde, como alimaria desprezível, cederá, por toda parte, seu logar aos invasores. Todas as terras terão donos. Olha. A capitania sem divisas transformou-se em um campo de trabalho. Repara. Os caminhos por onde trafegam os comboios, em sequitos incessantes, as caudades em que deslisam os barcos peçados, vão levar, de todos os lados, aos emporios atulhados de mercadorias, o fructo do trabalho humano. Admira, padre, o florescimento de minha Capitania. O que contempas d’aqui, por sobre a amurada, não é um ermo a beira-mar onde alguns desherdados se aninham, não é uma selva inhospita, não é uma terra deserta. O que vês, é uma planicie coalhada de edificios ; são avenidas borborinhan-tes de plebe ; é um porto ouriçado de mastros sem conta. E, além, o que avistas, é a montanha vincada de estradas e faiscante de luzes. Mais longe ainda, o que en-

xergas, é o clarão das novas metropoles, a mole confusa dos palacios, das torres e dos templos. Que intenso, o brilho que irradiam, que deslumbrante a riqueza de que transbordam !”

“Contempla o que te mostro, padre... e geme de desconsolo ante este quadro de morte”

“Olha os homens a disputar nesgas do solo, sequiosos e avarentos. Observa-os a se dilacerarem por inveja. Olha a riqueza irrisoria dos opulentos, o odio assassino dos despeitados. Sempre a lucta, sempre a esperança e sempre o desengano”

*

A vida é uma aventura mallograda, minhas senhoras. Que vos posso dizer ainda sobre Martim Affonso e sobre sua viagem a São Vicente? Antes d'elle, sua capitania era uma esperança. Ella é agora um começo de desillusão. Oxalá tivesse continuado para sempre, no mysterio em que jazia.

Emquanto o padre Gonçalo esbugalhava na obscuridade seus olhos candidos, Martim Affonso, elle só, adivinhava o futuro. Adivinhou certo.

Na hora da despedida, nada mais querendo de uma conquista que nada lhe podia dar, tinham-lhe voltado ao espirito as phases d'aquella arremettida, de que a historia brasileira se ha de encher durante seculos e seculos. Pensando nos pobres homens que o destino jogara, cheios de ingenuidade, ás praias virgens de São Vicente, pensando nas horas longinquas em que a obra humana dos posteros havia de falhar, o “magnifico senhor” que

só conhecera, na vida, glorias e triumphos, murmurava, como um vencido, que tudo aquillo não valera a pena.

*

Meus senhores, supponho que o padre não respondesse grande cousa ; que inclinava a cabeça em silencio.

Mas hoje, quatro seculos decorridos, nesta casa de D. Olivia, onde móra, para arrimo de quantos a frequentam, o que ha de mais vivo e robusto no patriotismo brasileiro, eu preciso dizer-vos, com a sinceridade mais profunda de minha alma, que Martim Affonso tinha razão.



O QUADRO PAULISTA

Conferencia de
GUILHERME DE ALMEIDA

pronunciada a
28 de janeiro de 1932

Os Senhores Juezes Galvão - figura
Central, pelo seu juízo pela Cultura, no
Quadro Paulista; o abraço amigo de

Guilherme de Almeida

São Paulo, 5. X 32.

O QUADRO PAULISTA



ARA o quadro de São Paulo — quadro logico em todos os seus planos successivos, desde o remoto horizonte quinhentista, todo enfeitado de caravellas, até este primeiro plano de hoje todo enfeitado pelas lindas jogadoras de hockey dos nossos rinks —, para o quadro geral de São Paulo, que eu tambem vou tentar pintar, porque “anch’io son pittore”, penso que não poderá haver moldura mais adequada do que o ambiente nobilissimo desta residencia essencialmente e superiormente paulista.

Isto aqui, minhas senhoras e meus senhores, isto tudo aqui — gentes e coisas, sentido e fórma, espirito e materia — é tudo um mostruario, um resumo de alta escolha, uma synopse precisa de São Paulo. Os olhos e, nelles, o pensamento da gente andam por esta casa como a imaginação pelo tempo : destas pratas antigas e destes moveis antigos e destas tapeçarias antigas vão, serenamente, confiantemente, sem nada extranhar, para aquelle studio novo de côres novas e fórmas novas que está alli fóra, entre os granitos estaveis e as folhagens instaveis desse parque. E, como esta casa, é tambem a criadora adoravel de toda esta harmonia : a senhora desta casa. Da antiguidade fidalga do seu sangue tradicional para a actualidade encantadora do seu espirito moderno a admiração da gente passeia á vontade e extasiadamente.

Que mais apropriada e valorizadora moldura do que esse jogo sabio de passado e presente eu poderia encontrar, capaz de completar e embellezar o quadro paulista que eu quero compôr?

Compôr? — Não. Decompôr. Destacar as suas côres, uma por uma — como um prisma de crystal separa e define as côres todas do espectro — para mostrar como o grande, fortissimo São Paulo de há quinze mezes era uma consequencia logica do seu passado, uma resultante natural da sua vida em evolução contínua, sem intermitencias — e não apenas uma improvisação, um “bivouac” de ciganos, um acampamento casual, provisorio ou estrategico de soldados, um resultado fortuito de condições geographicas propicias, ou de amaveis coincidencias historicas, ou de arbitrarias generosidades principescas.

São Paulo — seu corpo e sua alma, isto é, sua vida, sua historia — é uma só arremettida. E’ sempre um avanço contra um obstaculo que recúa, ou se fende, ou se esborôa. E’ sempre uma reacção contra alguém ou alguma coisa que se lhe interpõe na fatal, inevitavel, omnipotente trajectory. Sempre.

Vejo daqui, destas alturas enervadas de 1932, numa distancia clara de quatrocentos annos e seis dias precisamente, na manhan maritima, salgada e ventosa, a abra de São Vicente, espetada de mastros, trançada de cordames, empolada de vélas, arreada de flammulas, armoriada de escudêtes. E’ a frota colorida de Martim Affonso de Sousa: uma capitânea, dois galeões, duas caravellas, boiando, indecisos, altos, pintados, na cerração, sob vãos molles de aves desconhecidas e ante o sorriso branco de desconhecidas areias.

.E os quatrocentos homens do primeiro donatario — sangue velho e melhor de Portugal — tacteiam na gaze da névoa, pisam com pés incertos a areia chã, atolam-se

na confusa mistura de terra e mar dos manguinhos, perscrutam de olhos cautelosos o horizonte baço, auscultam a atmospherá mysteriosa, tympânica, de gritos de guerreiros selvagens e fêras inéditas — e arremettem, emfim, num baque bruto, contra o paredão de montanhas pretas, enfarruscadas, que fecha, lá atraz, como uma noite pesada, um paiz — quem sabe? — todo doirado de sonhos optimos, ou todo negro de pesadêlos pessimos — quem sabe? O anteparo opaco e violento de pedra e chlorophylla entreabre-se numa nesga fina : os homens atrevidos descobrem no declive rispido o vergão vermelho do caminho do Perequê por onde, a pescar nas praias lambidas, já descia, vistosa de armas e de pennas, a indiada de serra-acima, E a companhia fidalga por esse filão se insinúa e colleia e galga a montanha, aos arrancos, tropega, e chega, e, arfante, respira, afinal, o ar alto, lavado, lá de cima.

Vinte e dois annos lentos, na vida isolada do altiplano, foram o leito amoroso e só do cruzamento dos sangues ; foram o nosso berço livre embalado por ventos livres ; foram a cantiga-de-ninar da familia paulista.

. .Lá mais em baixo, na bruma fôsea, já naufragou a tapêra mamaluca de Santo André da Borda do Campo, a pobre aldeióla de João Ramalho.

. Porque, nas escarpas da serra, adejaram, batidas pelas ventanias frias e tontas do Cubatão, as sotainas magras, pretas de treze padres tristes.

. Campos de Piratininga ! Que dura e dilacerante fôra a subida, mas que linda e verde é a paragem entre o Tamanduatehy e o Anhangabahú ! E ahi, as mãos santas, que sangraram tecendo alpargatas de cardos bravos contra o cascalho das rampas ásperas, essas mesmas santas mãos soccaram a terra para a taipa de uma igreja e de um collegio e ergueram a hostia da missa no dia de São Paulo de 1554.

.Expreme-se agora, entre quatro portas, desfila-
deiros e rios, a cidadella cubiçada dos cathechúmenos. E
veem as luctas. Sustos de musculos nús, tatuados, estica-
dos sob cocares de côres : é o ataque dos indios. Fragatas
piratas na costa da Capitania — mastaréos, vergas e
cordas alcatroadas — despejando fogo ruivo e gente ruiva :
é o ataque de Cavendish.

.Depois, na sombra, a ancia paulista de independen-
cia aticando um vôo de capas e feltros á porta de São
Bento e despindo a espada de Amador Bueno da Ribeira,
na noite de algazarra e balburdia.

.Agora, é a epopéa maxima, assustadoramente ma-
xima. Na garôa gris, uma bandeira suja estira-se, rôta dos
ventos e das luctas. As “bandeiras” ! A audacia paulista
desfolhando, na terra incerta e acanhada, toda a rosa-dos-
ventos : Norte, Sul, Este, Oéste. Chapelões de coiro
emplumados, bótas brutas, guantes, tropél, poeira, cami-
nho do Jaraguá ! Pannos espetados nas pontas das lanças,
içado no varejão dos canoões, terra-a-dentro, rio-acima.
Machadas resvalando nas perobeiras virgens, rijas, verdes.
Paes Leme, Sardinha, Furtado, Borba Gato, Taques, Li-
nhares, Amaro, Raposo, Domingos Jorge, Anhanguéra.
E’ a tragedia americana da construcção : desfazer para
refazer, despovoar para repovoar. E’, ao avanço barba-
resco dos civilizadores, um recúo de fronteiras á sua frente,
uma fuga de horizontes timidos, vagos, uma disparada de
limites geographicos batendo em retirada desordenada-
mente, precipitadamente. E’ o embate duro a ferro e a
fogo. E’ a victoria, ao Norte longinquo e negro, na poeira
preta de Palmares. São batidas de indios no matto bravo.
São sonhos verdes de esmeraldas falsas como esperanças
mallogradas. São as “carneiradas” mortaes de Sabará-
bossú. São as reducções do Guaira ruindo com estrondo,
desbaratadas, no pó. E’ a travessia escabrosa dos Andes.

E' a invasão do Perú prateado do Potosí. São os pés sangrados que veem do Atlantico banhar-se nas aguas do Pacifico : o gesto da grande aventura paulista abraçando um continente e ligando dois oceanos. São jançadas atestadas estraçalhando victorias-régias e assustando jacarés pelas vastas aguas atormentadas e inuteis do Amazonas até os trapiches do Gurupá. São o oiro e o ferro arrancados ao ventre barbaro da Mantiqueira. E' Anhanguéra, o "Diabo Velho", o cyclope paulista, pondo fogo ás aguas, accendendo os rios, como um deus novo, ou surprehendendo e domando, no sertão escuro, a tribu Goyá que dança ao luar, núa, sumptuosa, de cabellos empoados de palhetas de oiro. E' o delirio da riqueza : são caçadores, á falta de chumbo, carregando as espingardas com bolótas de oiro ; são arcas abarrotadas do metal amarello, que se abrem como estôjos de maravilhas, despejando-se todas aos pés do monarcha portuguez. E' toda a epopéa rustica e heroica das bandeiras, com suas tão poucas recompensas — o misero elogio das cartas-régias, mesquinhas doações de sesmarias incultas, turmalinas sem valor e mirrados cruzados nas saccólas de coiro — e seus tão duros sacrificios — febres más, mortíferas, trahições nocturnas na selva sem lua, frechadas selvagens, rapidas, silenciosas como serpentes ; e ás vezes, afinal, o retorno tardio ao lar, onde nem os proprios filhos reconhecem, nem os amigos acceitam o heróe tamanhamente desfigurado das jornadas.

.Agora, desenham-se, sinuosas, "camouflées", na garôa paulista, umas silhuetas perfidas de forasteiros armados, mãos e calçudos como aves-de-rapina. Os emboabas ! E' de sangue a agua do Rio das Mortes. A astucia indigna e covarde arma uma arapuca no Capão da Trahição. São Paulo todo ergue-se revoltado : clamam vingança os sinos do Collegio, clama vingança a vóz dos

pulpitos jesuitas, clama vingança o orgulho patriótico das matronas. E despejam-se, na fúria da desforra, os vingadores contra o fortim do Rio das Mortes.

.Emfim, a paz branca, sob o gesto protector do Morgado de Matheus. São Paulo agora vae descahir numa syncope, desfallecer numa languida, passageira decadencia. Passageira, porque São Paulo ainda reage a tempo. Reage contra a anemia commodista dos governos fidalgos. E, á luz verde dos ramos debruçados n'agua, lá se vão as chatas das monções, peçadas de lavageiros e excavadores de ouro, pelo valle tutellar do Tietê, entregues ao destino impetuoso dos rios cégos. Persiste contra São Paulo o torpôr malevolo, intencional, desses governos importados, extranhos, falsos, artificiaes. Quer-se mal a São Paulo. Mas mesmo assim, extenuado de luctas e cercado de má vontade, São Paulo trabalha : — levanta a primeira planta da cidade, sob Cunha Menezes ; fabrica ferro no Araçoiaba, sob d. Antonio Manuel de Mello ; pontilha de núcleos coloniaes o seu "hinterland" — Campinas, Casa Branca, Jundiahy — sob o conde de Palma. E a Colonia recebe, por carta-de-lei, fóros de Provincia ; e a Provincia envia sua legião luzida que fulge de heroismo na questão da Banda Oriental.

.Refugia-se, planta-se agora na grande terra o throno portuguez expatriado. Diluido na garôa paulista voeja um vago, primeiro sonho de liberdade. E' a bernarda de Francisco Ignacio. Tan-tan de tambores na Praça de São Gonçalo. E, ahi, a vóz forte e o gesto nobre do Andrada repetem a vóz e o gesto de todo o São Paulo.

1822. O Principe vae chegar. Cantam os sinos de Santa Thereza. Cantam os sinos do Carmo. Cantam os sinos da Bôa Morte. O primeiro grito brasileiro e o ultimo distinctivo portuguez atirados ao ar claro do Ypiranga, na manhan enfeitada de dragonas e alamares doi-

rados. Gente expremida, delirando em tufos de seda e bófes de renda, pelo Largo do Capim, pelo Largo da Polvora, pela rua da Princeza, pela rua do Cotovello, pela rua da Fundição.

.São Paulo já é uma “Imperial Cidade” Mas, nem nos socegos seguros da emancipação São Paulo descança. Agora lê, estuda, medita. Geme o primeiro prélo do “Pharol Paulistano” No Largo São Francisco, entre os paredões de um convento acaçapado, já doutores solennes pontificam para futuros doutores.

.E poetiza-se um pouco o scenario. Estudantadas romanticas sob rôtulas ciumentas ; mucamas e moléques com recados ; violões, lundús e modinhas.

...Mas a gente paulista não sabe parar em ócios mollinhosos. Avida, incansavel, de agir para progredir, sonha já com regimens novos de liberdades mais amplas. E acorda subitamente desse sonho, ao estampido de um tiro secco de bacamarte na noite equivocada. E’ Badaró, o proto-martyr da Republica, que tomba assassinado pelo despotismo vesgo. “Morre um liberal, mas não morre a liberdade !” — essa palavra era um consolo, um estimulo, uma lição e uma prophécia.

Uma geração de homens uteis, efficientes, anciosos todos elles daquella liberdade perigosa, em São Paulo se fórma e de São Paulo dirige a vida politica e intellectual do paiz. E’ um paulista, é Feijó, quem toma e desemmara-nha a meada difficil do nosso destino, quando as azas britannicas da “Volage” levaram para o esquecimento o primeiro imperador ; — é um liberal paulista, Raphael Tobias, quem, no pronunciamento daquelle outomno garôento de 1842, dirige o grande Estado e, só, abandonado na hora da desgraça, corajoso, acceita a derrota gloriosa de “Venda Grande”, e depois o exilio duro, e depois. a

rehabilitação tardia ; — e são os paulistas Luiz Gama, José, Bonifacio, Antonio Bento, Antonio Prado, que, com o fogo da sua crença e o calor da sua palavra, derretem, no Sul, o ferro bruto que agrilhoava o humilde sangue negro ; — e é um paulista, o conde de Parnahyba, quem attráe á lavoura o immigrante, o forte braço branco que, confundido com o nosso, iria transformar em ouro puro a nossa bôa terra rôxa ; — e é o paulista Varnhagen quem cria a nossa historia ; — e é o paulista Almeida Junior quem fixa em côres e attitudes o aspecto sincero das coisas brasileiras ; — e é o paulista Carlos Gomes quem começa a orquestrar a cantiga dos nossos rios, das nossas selvas, das nossas aves ; — e é o paulista Alvares de Azevedo, o acabrunhado, o pallido estudante-poeta, quem rima e rhythma, na manhã doente e lilaz do romantismo, a linda, verdadeira dôr destas terras.

.E são todos os paulistas, e é todo o São Paulo que, resultado de uma propaganda efficiente que aqui principalmente se fez, afinal, numa noite, 15 de Novembro de 1889, sob as sacadas do “Club Republicano”, acclama, arrebatado, um triumvirato que sanciona no primeiro artigo do seu primeiro decreto : “O Estado de São Paulo adhire á Republica Federativa Brasileira. ” A verdadeira, a authentica, a legitima, a superior adhesão, que não ficou apenas na letra morta de uma lei, que não foi sómente uma pernostica formalidade politica, porque se transformou nesses tangiveis, inilludiveis quarenta e dois annos de sacrificios, de abnegações, de liberalidades, de “coronelismos”, durante os quaes São Paulo não tem feito outra coisa senão pagar, cada anno, um milhão e duzentos mil contos de réis para ter o direito de ser. Brasileiro !

*

Ahi está a nossa arvore-genealogica. Ahi está São Paulo. Ahi estão este Estado e esta Cidade.

Esta cidade. (Agora os verbos vão todos para o passado. .) Ella era a capital immensa de um immenso paiz que em torno della se agitava e clamava. E na sua agitação — pennachos de fumo voando, machinas correndo e bufando, andaimes e tapumes subindo—; e no seu clamor — apitos roucos, zum-zum de turbinas, explosões de vapor, grunhidos de klaxons, trepidações de helices, vibrações de antenas—, eu só via o gesto e só escutava a vóz de um espirito superior, alto, todo-poderoso e bruto como um deus barbaro — o Espirito Moderno.

Derivava da sua historia — que é a historia da tenacidade, da lucta, da energia, da força — o imperio magnifico, constante e absoluto daquelle espirito.

A todas as nossas actividades — sciencias, artes, lavoura, commercio, industria — presidia, tyrannico, despotico, esse espirito omnipotente. São Paulo vinha sendo, talvez, a mais moderna expressão de vida na America Latina. Para elle convergiam, irresistivelmente, inevitavelmente, todas as attenções interessadas: estrangeiras ou semi-estrangeiras.

Eu imaginava a minha grande cidade, plantada no planalto como um immenso iman: e em torno della, magneticamente attrahidas, apinhavam-se, como limalha de aço, cidades e cidades, gentes e gentes. São Paulo transbordava, tumultuava. Era a Cosmopolis sitiada de "gold-diggers" Era a mazurka hungara do Alto da Moóca; era a Lilliput amarella das lavouras de Cotia e São Roque, ou o Bazar Japonez da rua Conde de Sarzedas; eram as noites allemans de pianos e chopps de Santa Ephigenia; era o Ghetto mercantil dos Ahasverus do Bom Retiro; era a confusão baltica, loira e silenciosa, dos esthonianos, lethonios e lithuanios de Villa Anastacio;

era a torre chapeada de metal da igreja ortodoxa russa de Villa Alpina ; eram os armazens de cebolas, moscas e teias de aranha da hespanholada da rua Santa Rosa ; era a quinquilharia oriental, vistosa e barata, do Oriente Mais Que Proximo da rua 25 de Março ; eram os cabreiros portuguezes, simples e chocalhantes de Villa Mariana ; eram as joalherias francezas do Triangulo ; era o cheiro inglez de dentrificio e carneiro dos jogadores de golf de Santo Amaro ; era a opera italiana do Mercado ; e são hoje, outros, confusos estrangeiros, estabelecidos provisoriamente com restaurantes em palacios, secretarias, repartições, por ahi tudo, cheios de fomes gargantuescas, perfeitamente “rabellesianas”

São Paulo transbordava, tumultuava. Tudo nelle era moderno, porque tudo nelle era movimento. Nada nelle se “completava”, porque tudo “continuava” Eu nunca “via” São Paulo ; eu sempre “previa” São Paulo. Elle não “ficava” numa photographia, elle “movia-se” num film. Era moderno. Todas as suas actividades eram modernas ; simples, uteis, praticas, eram do momento. Pelos mais modernos processos e sobre os mais modernos principios, firmára-se a sua legislação magnanima e certa, organizáram-se os seus serviços publicos modelares, construiu-se a machina exacta da sua vida administrativa, em que todas as repartições novas, arejadas, hygienicas, actuaes engrenavam-se e giravam facilmente, efficientemente. Pelos mais modernos processos e sobre os mais modernos principios, a lavoura, rebelde á rotina de outros tempos e outras terras, armára de ferros aperfeiçoados o braço livre do colono ; déra á paizagem barbara e symetria civilizada dos cafesaes tesos, perfilados, lustrosos ; lá onde os monjôlos atarracados soccavam preguiçosamente, soprára fornalhas trabalhadoras que enchiam de silvos o silencio activo das fazendas ; desatrelára dos arados o

animal tardo e frouxo para engatal-os ao tractor mechanico rapido e intelligente ; desbravára as mattas amorphas para fazer carvão e dormentes, e, nas terras tostadas, extendêra, geometricos, exactos, estylizados, os hortos florestaes ; multiplicára por milhões os seus laranjaes ; quando as seccas e as pragas atormentavam regiões menos favorecidas, soubêra, com as mais novas machinas, irrigar artificialmente a gleba e, com os mais adeantados estudos e systemas, combater os germens ruins ; oppuzêra, emfim, a polycultura farta á atrazada monocultura. . Pelos mais modernos processos e sobre os mais modernos principios, a industria, desviando as correntes, captára, represára e despejára do cimo das serras a agua, a hulha branca, sobre as turbinas vibrantes ; tramára, jogára os bilros esfuziantes dos teares e movêra a atafona metallica dos moinhos ; erguêra os cylindros cinzentos dos silos e enrolára as geladas e brancas serpentinas dos frigorificos ; accendêra os altos-fornos de Ribeirão Preto e fizêra desandar e bater os pesados martellos-pilões ; espetára no ar florestas negras de chaminés, recortára no horizonte a serrilha parda dos tectos das fabricas, e lá, onde foi um charco pestifero, assentára os tijolos florentinos de um Palacio das Industrias. Pelos mais modernos processos e sobre os mais modernos principios, o Commercio, na difficil conquista da agua, da terra e do ar, edificára em cimento e ferro os enormes armazens do porto de Santos, congestionado de navios bojudos, gulosos de nossos bens ; esticára e conduzira sob o toldo dos depositos os tapetes-rodantes e pejára o ventre estrangeiro, gesticulando pelos braços dos titans e dos guindastes ; erigira as torres das Bolsas, templos do trabalho e da riqueza ; fizêra do simples commissario de ha uns trinta annos o activo exportador que vendia directamente aos mercados compradores ; estirára sobre lei-

tos pedrados milhares de kilometros de trilhos, e sobre os trilhos, entre postes cinzentos de concreto, atirára as locomotivas electricas, velozes, nervosas, silenciosas ; desenrolara, polidas, lisas, largas, bôas, as estradas de rodagem, por onde chispavam explodindo sobre rodas estufadas de borracha, as modernas "bandeiras" de autos, tractores e caminhões ; enervára nos ares as antenas do radio e o rodopio louco das helices dos aviões.

São Paulo !

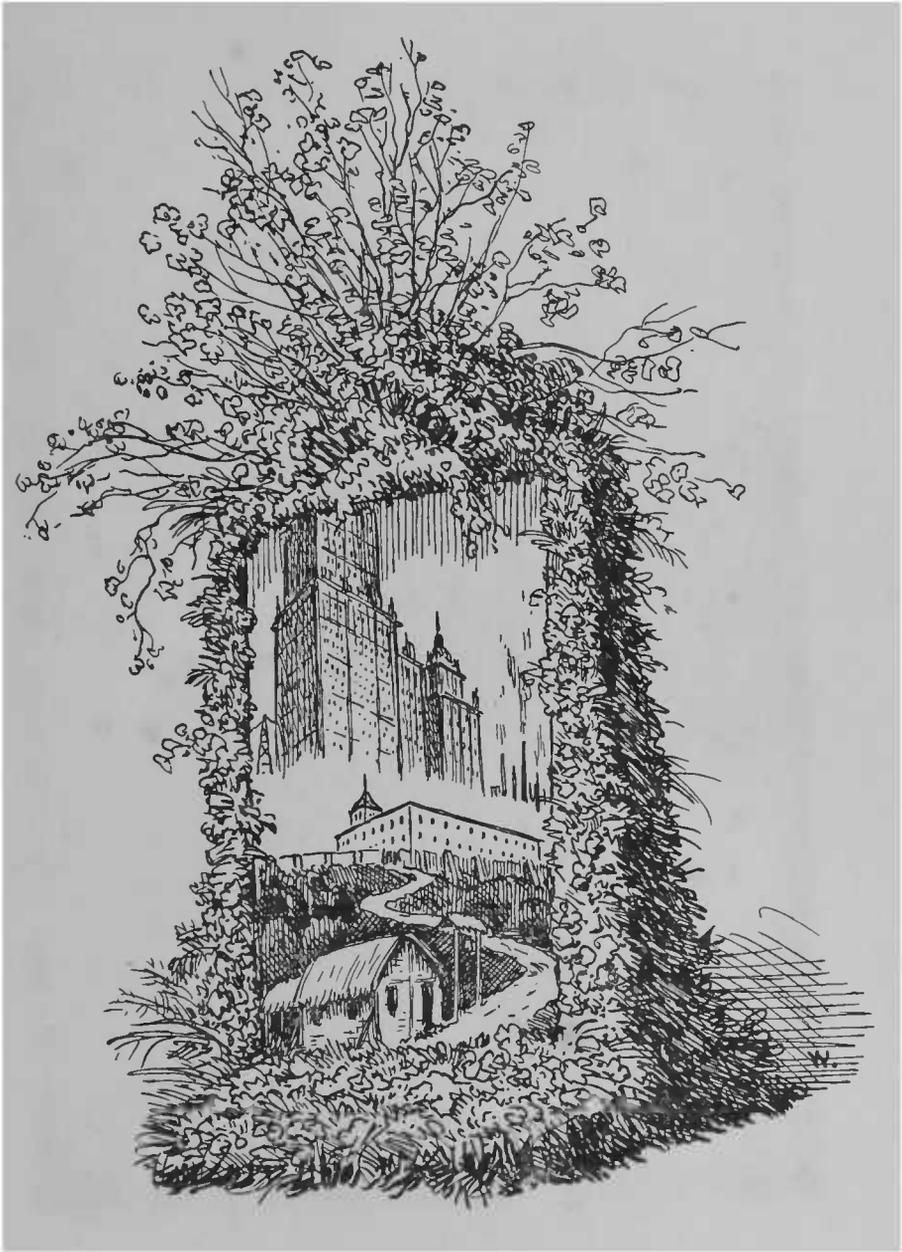
Tudo, aqui, era sempre o primeiro, o maior e o melhor. Aqui se ouviu a primeira palavra e se viu o primeiro gesto da campanha nacionalista de Bilac. Aqui correu o primeiro automovel e voou, para o primeiro raid sul-americano o avião de Edú. Aqui se reuniu, ha dez annos exactamente, a primeira Semana de Arte Moderna, para criar o primeiro pensamento moderno no paiz. Aqui se assentou a primeira "packing-house" do paiz. Aqui se equilibrou o primeiro arranha-céo e se realizou a primeira casa moderna do paiz. Aqui se installaram os primeiros, maiores e melhores laboratorios e institutos scientificos desta terra. Aqui se construiu talvez a maior e melhor penitenciaria do mundo. Aqui se edificou a mais actual e completa escola de medicina do mundo.

São Paulo, "self-made", nascido de si mesmo, centrifugo e centrípeto, era e foi sempre o centro unico, o eixo, o motor, o dynamo, a força, a vida, a alma de toda uma Federação, que girava em torno d'elle como um systema planetario passivo, docil, manso, obediente, cégo.

São Paulo.

No emtanto, agora.

São Paulo, 28/1/1932



IN MEMORIAM



OLIVIA GUEDES PENTEADO

147

ESTAVA este livro prestes a sahir a lume, quando D. Olivia, ferida pelo destino, fechou os olhos para sempre. O volume achava-se concluido. Fora ella quem o fizera, por assim dizer, de principio a fim, estudando-lhe o formato, ordenando-lhe a composição, dispondo-lhe os capitulos, determinando-lhe a feição da capa e o espirito das gravuras. Só não teve o gosto de arrancar-o ao prélo e, sobretudo, de entregal-o ás mãos de seus leitores.

Leitores, aliás, escolhidos adrede ; pois ella, que tudo fazia tão bem e em tudo pensava tão certo, já sabia desde o primeiro momento, ao encommendar a impressão do livro, a quem daria, como lembrança de sua amizade, os exemplares pouco numerosos d'esta edição.

Os dez primeiros da tiragem, teriam dedicatoria impressa no proprio volume, segundo numeração de ordem pre-estabelecida por ella, em documento autographo. Os cento e noventa seguintes estavam reservados para um grupo dilecto de amigos, dos quaes a

maior parte constituiria o auditorio das conferencias. Os duzentos restantes seriam offerecidos, como preito de estima, ao Instituto Historico e Geographico de São Paulo.

Foi este livro a ultima iniciativa de D. Olivia. Lembrara-se ella de enfeixar em volume, as palavras de evocação, que, em sua casa, dois annos antes, alguns conferencistas amigos haviam pronunciado, a pedido seu, por entre dias de amargura para o coração paulista, sobre assumptos ligados ás primeiras origens portuguezas de nossa terra.

Como pretexto para estes discursos votivos, valera-se da ephemeride quatro vezes centenaria da fundação de São Vicente. Quizera-os, a principio, oraes, na intimidade de seu lar. Quil-os, depois, em livro impresso para documento permanente do estado d'alma, com que as gentes de São Paulo, em plena quadra revolucionária de 1932, buscavam consolo ás suas decepções na contemplação de nosso magnifico passado quinhentista.

Nesta idéa singela de D. Olivia, como em todos os actos de sua vida, as mostras de seu incançavel patriotismo.

Patriotismo authenticamente racial e encantadoramente brasileiro.

As conferencias historicas, por ella promovidas, em hora de cizania nacional, por serem, assim, um grito

de amor a São Paulo, continham, em verdade, como significação secreta, o inspirado appello de D. Olivia aos brasileiros transviados, e entretanto queridos, que, tão esquecidos do passado como inconscientes da verdade actual, nos queriam afastar de sua communhão.

Nascido de tão pura intenção, possa o livro de D. Olivia ser interpretado em seu verdadeiro sentido.

G. T. S. T

INDICE

	PAGS.
A' guisa de Prefacio por Affonso de E. Taunay	11
Lendas e quiméras da epopeia mariti- ma portuguesa Conferencia de Ricardo Severo	17
Algumas das nossas abusões quinhen- tistas Conferencia de Affonso de E. Taunay	49
Martim Affonso intimo Conferencia de Goffredo T. da Silva Telles	83
O quadro paulista Conferencia de Guilherme de Almeida	129
In Memoriam por G. T. S. T.	145

ACABOU-SE DE IMPRIMIR
A 9 DE JUNHO DE 1935
NAS OFFICINAS DA
"SÃO PAULO EDITORA LIMITADA"
RUA BRIG. TOBIAS, 78/80
SÃO PAULO





